

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO/TRINDADE**

ZOLEIMA POMPEO RODRIGUES

**A AÇÃO DOCENTE E AS DIMENSÕES EDUCATIVAS QUE
SUBSIDIAM A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO CONTEXTO
EDUCATIVO DA CRECHE**

FLORIANÓPOLIS

2014

ZOLEIMA POMPEO RODRIGUES

**A AÇÃO DOCENTE E AS DIMENSÕES EDUCATIVAS QUE
SUBSIDIAM A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO CONTEXTO
EDUCATIVO DA CRECHE**

Monografia apresentada ao Curso de especialização em docência na Educação Infantil do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Adair Agostinho

FLORIANÓPOLIS

2014

ZOLEIMA POMPEO RODRIGUES

**A AÇÃO DOCENTE E AS DIMENSÕES EDUCATIVAS QUE
SUBSIDIAM A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO CONTEXTO
EDUCATIVO DA CRECHE**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de especialista em docência na Educação Infantil, e aprovada em sua forma final pelo Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de setembro de 2014.

Prof^a. Dr^a. Soraya Franzoni Conde
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Orientadora: Dr^a Kátia Adair Agostinho
UFSC/CED/MEN/NUPEIN

Membro: Dr^a Rosa Batista
UFSC/CED

Membro: Dr^a Roseli Nazário
UFSC/CED

AGRADECIMENTOS

A oportunidade que sempre se apresenta em minha vida de aprender, que alimenta meu espírito inquieto, e que encontra na relação educativa com as crianças, colegas e famílias a oportunidade de trilhar um caminho de humanização.

Aos meus pais, Eva e Isidoro, que bravamente criaram oito filhos, e com a sabedoria da vida, ensinaram boa parte deles a amar a educação, fazendo desta uma forma de vida mais do que uma profissão.

Ao meu filho Matheus, presente da vida, amor infinito, ser que me ensina e me desafia a tentar ser um ser humano melhor. Meu melhor de mim, amor infinito, incondicional. Obrigado por estar aqui, sempre presente dentro de mim.

Ao Benhur, presente nos momentos importantes da minha vida, com quem partilho ideais de vida e de um mundo melhor.

Aos meus incontáveis amigos, companheiros de uma vida, grata por fazerem parte da minha história, mesmo que as trajetórias nem sempre sigam o mesmo curso, estão ali, torcendo e zelando por mim.

A minha orientadora Kátia Agostinho, uma sabedoria que emana dos olhos, da fala mansa, das sábias palavras. Uma confiança que contagia e faz vibrar o esforço em corresponder e superar as dificuldades. Obrigado por ser agraciada por este encontro e a oportunidade de com ela aprender.

A Rosinete Valdeci Schmitt, por sua postura afável e respeitosa para com os professores/colegas da Rede Municipal de Florianópolis, que não mede esforços para subsidiar o trabalho dos professores na função de técnica pedagógica da rede, e que mesmo brevemente, muito me ajudou com suas dicas, e depois com a leitura atenta das suas pesquisas e estudos.

As colegas da creche Caetana Marcelina Dias, especialmente a Andréia Xavier, que muito me auxiliou na organização deste trabalho.

As inúmeras crianças com quem tive o privilégio de conviver e muito aprender, e as tantas que ainda farão parte da minha vida, que já me inspiram e me mobilizam a buscar novos caminhos e aprendizagens.

Por uma ideia de criança

Por uma ideia de criança rica,
na encruzilhada do possível,
que esta no presente
e que transforma o presente em futuro.

Por uma ideia de criança ativa,
guiada na experiência,
por uma extraordinária espécie de curiosidade
que se veste de desejo e prazer.

Por uma ideia de criança forte,
que rejeita que sua identidade seja
confundida com a do adulto, mas que a oferece
a ele nas brincadeiras de cooperação.

Por uma ideia de criança sociável,
capaz de se encontrar e se confrontar
com outras crianças
para construir novos pontos de vista e
conhecimentos.

Por uma ideia de criança competente,
artesã da própria experiência
e do próprio saber
perto e com o adulto.

Por uma ideia de criança curiosa,
que aprende a conhecer e a entender
não porque renuncie, mas porque nunca deixa
de se abrir ao senso do espanto e da maravilha.

(Aldo Fortunati)

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo compreender quais as dimensões educativas e as estratégias pedagógicas que subsidiam a ação docente com as crianças no período denominado inserção, considerando os aspectos individuais e afetivos em grupos heterogêneos, tendo como foco de análise as relações sociais entre os três sujeitos da relação pedagógica: crianças, famílias e professores. A abordagem levará em conta os estudos voltados para a Infância que já vem dialogando e discutindo a ação docente com as crianças menores, como Schmitt (2008), Duarte (2011), Tristão (2004), na tentativa de buscar uma compreensão mais aprofundada de como as crianças vivenciam suas infâncias na creche. A pesquisa foi realizada na rede municipal de educação infantil pública de Florianópolis, nos primeiros meses do ano de 2014, em um grupo de 15 crianças denominado GIII, correspondente ao agrupamento etário de 2 a 3 anos. Nos procedimentos metodológicos desta pesquisa foram utilizados, além do levantamento e estudos da produção na área na temática central, a análise dos registros escritos e fotográficos da prática pedagógica referente às principais estratégias utilizadas nas vivências das crianças e suas famílias no contexto da creche no período de inserção. As análises indicaram que as estratégias da ação docente no período de inserção relativos ao tempo, espaço e relações entre os sujeitos possibilitaram maior proximidade e encontros entre adultos e crianças. A gradação dos tempos para receber as crianças mostrou-se uma estratégia importante para dar acolhida aos diferentes sujeitos da relação (crianças e suas famílias) e para desenvolver uma relação de escuta e percepção aos gostos, manifestações de desconforto, preferências, formas de se expressar, de interagir e brincar. O planejamento do espaço indicou a possibilidade de vivências diversificadas entre as crianças, tanto para os momentos em que se está junto ou separado, permitindo descobertas das crianças sozinhas e ou acompanhadas e favorecendo aos adultos a oportunidade de observar as diferentes expressões e manifestações infantis.

Palavras-chaves: Inserção. Ação Docente. Crianças. Famílias

ABSTRACT

This research aimed to understand which educational dimensions and the pedagogical strategies that support the teaching activities with the children in the period called insertion, considering individual and affective aspects in heterogeneous groups, focusing on analysis of the social relationships between the three subjects of the pedagogical relationship: children, families and teachers. The approach takes into account the studies of the childhood that comes dialoguing and discussing the teaching activities with the younger children, as Schmitt (2008), Duarte (2011), Tristan (2004), in an attempt to seek a deeper understanding of how children experience their childhoods in day care center. The survey was conducted in a municipal public kindergarten in Florianópolis, in the first months of 2014, a group of 15 children called GIII, corresponding to the age group 2-3 years. The methodological procedures of this research were used, a survey and studies of production in the central theme, the analysis of written and photographic records of teaching practice regarding the main strategies used in the experiences of children and their families in the context of the nursery period insertion. The analysis indicated that the strategies of teaching action during insertion relative to time, space and relationships between subjects allowed closer encounters between adults and children. The gradation of time to get kids showed up an important strategy to give hospitality to the different subjects of the relationship (children and families) and to develop a relationship of listening and taste perception, discomfort manifestation, preferences, ways of expressing , to interact and play. The space planning indicated the possibility of diverse experiences among children, both for those times when you're together or separately, enabling discoveries of alone or accompanied children and favoring to adults the opportunity to observe the different expressions and children manifestation.

Keywords: Insert. Teacher action. Children. families

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA A SER ESTUDADA	12
1.2 OBJETIVO GERAL	16
1.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	18
2 INSERÇÃO	27
2.1 ASPECTOS LEGAIS SOBRE A AMPLIAÇÃO DO DIREITO DAS CRIANÇAS AO INGRESSO/INSERÇÃO EM CONTEXTOS INSTITUCIONALIZADOS	29
2.2 ADAPTAR, INSERIR OU ACOLHER	31
2.3 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUESTÕES SUBJACENTES AO PERÍODO DE INSERÇÃO	35
2.4 ORIENTAÇÕES DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS	
2.5 INSERÇÃO NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA CRECHE CAETANA MARCELINA DIAS	36
3 A TEMÁTICA DA PESQUISA NAS TRAMAS DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA	39
3.1 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO – O INÍCIO	40
3.1.1 A organização do espaço – móveis, objetos, brinquedos e materiais	42
3.2 FAMÍLIAS X CRIANÇAS X PROFESSORES: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES – A REUNIÃO.....	47
3.3 OS PRIMEIROS DIAS DE JORNADA NA CRECHE E AS ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO	52
3.3.1 Vivenciando a organização do espaço coletivamente	52
3.3.2 Na roda com as famílias	55
3.3.3 Pela creche com as famílias	57
3.3.4 Socialização das fotos da família	58
3.3.4.1 Socializando nossas fotos	60
3.3.5 O brinquedo preferido	61
3.3.6 A foto símbolo	63
3.3.7 Caderno de Vivências Familiares	64
3.4 A DIMENSÃO AFETIVA E O CUIDADO COM AS DEMANDAS INDIVIDUAIS NUM GRUPO DIVERSO E HETEROGÊNEO	65
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXO A FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	
ANEXO B – PESQUISA COM AS FAMÍLIAS	
ANEXO C – PESQUISA DO BRINQUEDO PREFERIDO	

1 INTRODUÇÃO

*“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca,
e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto”.*

José Saramago

Trajetórias na educação infantil: a docência em constante formação

Compreender quais as dimensões educativas e as estratégias pedagógicas que orientam a ação docente com as crianças no período denominado inserção é o objetivo central desta pesquisa e insere-se num contexto maior de formação contínua do professor, num momento em que as políticas em âmbito nacional direcionam seu olhar sobre a docência, fomentando e subsidiando cursos de pós graduação, numa parceria do Ministério da Educação com as Universidades Federais.

Mas, porque estudar o período de inserção? Qual a relevância deste tema para a compreensão das especificidades da docência na educação infantil, num momento em que a efervescência das discussões da área tem inúmeros enfoques?

Em primeiro lugar, porque sou professora de educação infantil, parto deste lugar que me situa e me mobiliza, em busca de reflexões e contribuições teóricas que me façam refletir sobre o fazer pedagógico e provoquem outros constantes questionamentos.

Ser professora é um desafio e tanto, pois exige que façamos o constante exercício de aproximação e ajuste entre as teorias e as relações compartilhadas entre adultos e crianças. Exercer a docência na educação infantil requer que mudemos itinerários nem sempre estáveis na busca constante por um embasamento teórico que dê consistência às nossas práticas pedagógicas.

Neste itinerário me situo, juntamente com minhas colegas do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pois mesmo após uma extensa jornada de trabalho ainda nos sentimos motivadas a buscar sentidos para as práticas sociais dos contextos educativos das quais fazemos parte. Deste lugar também fala uma mulher trabalhadora, tanto quanto as mães trabalhadoras e famílias das creches do qual também este estudo tem por objeto, que mesmo com inúmeras condições adversas e o rolo compressor de nossa sociedade capitalista, luta por não contaminar as crianças com esta ligeireza e esta pressa nas relações humanas.

Além disso, a proposição deste estudo com foco na docência exige que façamos o instigante desafio e o exercício de ser pesquisador da/na própria prática, já que muitas das

estudantes, participantes desta formação, farão suas pesquisas de campo em seus locais de trabalho.

Nesta caminhada de formação e aperfeiçoamento profissional a academia é o lócus profícuo onde as discussões, embates e políticas se efetivam, o lugar por excelência onde o saber e o conhecimento são construídos a muitas mãos.

Neste interim, o olhar focado para a docência na educação infantil que o curso de especialização propõe, insere-se neste movimento nacional e na política do governo federal voltadas para a primeira infância, e se traduz na busca dos professores por qualificação e formação em serviço.

Como aluna do Curso de especialização em Docência do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina me insiro neste estudo, dialogando com os estudos da área, com minha trajetória acadêmica e cursos de formação e os 16 anos exercendo a docência na educação infantil.

Meu percurso na área da educação ocorreu muito cedo, quando ingressei no curso do magistério, ainda no ensino médio. Algum tempo depois, tendo cursado também o curso de qualificação em educação infantil realizado pela OMEP (Organização Mundial para a Educação Pré-escolar) iniciei o trabalho com as crianças de 0 a 6 anos na Rede Estadual de Florianópolis, mais especificamente no CEI Vida e Movimento, creche esta que faz parte do Centro de Ensino da Academia Militar de Santa Catarina.

No trabalho com as crianças, foi crescendo inúmeros questionamentos quanto ao trabalho educativo envolvendo crianças tão pequenas, como temáticas como planejamento, currículo, cotidiano, entre outros, principalmente num momento em que estudos e políticas na área ainda estavam e permanecem em construção.

Esta preocupação com a associação reflexiva entre a teoria e a prática fez com que constantemente buscasse caminhos que me auxiliassem na prática pedagógica. A participação no Ciclo de Debates em Educação Infantil, pela Universidade Federal de Santa Catarina no final dos nos 90, foram caminhos importantes que se abriram e instigaram esta busca teórica de conhecimento.

Foi neste período que também ingressei no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, com habilitação em Educação Infantil, que possibilitaram a participação em discussões e debates importantes na área e contribuíram fundamentalmente na minha formação.

Com isso, ficou ainda mais evidente a importância da constante articulação e reflexão entre teoria e prática, já que muitas colegas da universidade ainda não trabalhavam na área, e

no âmbito do trabalho, muitas colegas não participavam de cursos de formação, percebendo-se uma lacuna em ambos os casos.

Desta forma ficou clara a importância de uma atitude investigativa e de pesquisa constante do professor de sua prática educativa, atualizando-se com as novas pesquisas da área e as políticas públicas para este setor.

A participação em Congressos, Fóruns, Seminários e Cursos são fundamentais na minha formação acadêmica e política, fomentando e instigando questionamentos constantes que a prática reflexiva requer.

Nesta busca de caminhos teóricos em minha formação, ingressei também no Curso de especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais realizadas pela Univel – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel, mas devido à abrangência da temática, muitas lacunas ficaram em aberto, fomentando ainda mais a necessidade de prosseguir em novos estudos.

O ingresso no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil pelo Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC veio ao encontro dos crescentes questionamentos que alimentam minha atuação como professora de educação infantil, qual seja a constante reflexão da própria prática educativa com articulação de aportes teóricos e pesquisas na área, num locus privilegiado para tal, o espaço acadêmico.

Como professora de educação infantil da rede municipal de Florianópolis foi ampliando-se inquietações no que diz respeito à necessidade de reeducar o olhar dos adultos para as manifestações e expressões das crianças, suas formas peculiares de socialização e intervenção no mundo. Segundo Gloria Tognetti (2009, p. 31):

[...] é difícil trabalhar no âmbito da educação sem adotar a atitude de contemplar com curiosidade as mudanças – das teorias, da pesquisa e dos fenômenos sociais – sem um olhar que sabe observar e, na experimentação cotidiana, encontrar vestígios e sinais da inteligência e do impulso vital e criador que anima as crianças, um olhar que saiba devolver imagens plenas de significado e confiança.

Além disso, as contribuições de outras áreas das ciências humanas, como história, filosofia, antropologia e da sociologia da infância têm sido fundamentais como campos de estudos que pretendem investigar a sociedade e as crianças, compreendendo-as como sujeitos da pesquisa.

No trabalho pedagógico com as crianças menores, principalmente os grupos de 0 a 3 anos, foi ampliando-se a necessidade de conhecer as crianças, suas formas de socialização,

habilidades comunicativas e expressivas, sua relação com seus pares e com os adultos que com ela convivem. Isto significa evidenciar a importância de compreender as crianças e interpretar os sentidos das suas ações a partir delas mesmas e para isso é necessário estar entre elas, conversar com elas, pesquisar com elas, considerá-las também competentes para apontar necessidades, desejos e interrogações.

Cerisara (2004, p. 51) reforça esta necessidade quando afirma que há, “necessidade de todos os professores educarem os seus olhares no sentido de aprenderem a ver, observar e conhecer as crianças para tomá-las como ponto de partida para a organização do tempo e do espaço dentro das creches e pré-escolas”.

Além disso, as discussões e estudos de diferentes autores no decorrer das disciplinas do curso foram tecendo reflexões e afinando a escolha temática que mais se aproximasse da minha trajetória profissional e trouxesse elementos que evidenciassem a relevância do tema a ser estudado.

Então, como ocorreu a escolha do tema a ser estudado?

1.1 APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA A SER ESTUDADA

A escolha do tema de pesquisa foi tarefa árdua, pois considerando o foco na docência, nos colocamos na rede de relações que permeiam os contextos educativos da qual fazemos parte. Mas a relevância do desafio é instigante, então mãos a obra.

Elegi o período de inserção para o desafio principal desta pesquisa, qual seja, o de compreender quais as dimensões educativas e orientações pedagógicas subsidiam a ação docente no planejamento do período de inserção.

Nesta busca pela temática, foram se evidenciando elementos da minha trajetória docente no encaminhamento do trabalho educativo, e de algumas estratégias já utilizadas há algum tempo no período de inserção das crianças e famílias no espaço coletivo da creche.

Além disso, a escolha do tema inserção somou-se a busca por uma temática que considerasse nos estudos à respeito da docência, os três sujeitos da relação pedagógica: profissionais da educação, famílias e crianças. É nesta relação, nesta imbricada teia de significação e sentidos que cada um traz consigo que considero aparecem importantes elementos da docência na educação infantil, e acredito que é desta forma que ela se constitui e se reinventa.

É também no período de inserção que os primeiros passos da relação entre estes três sujeitos se inicia, e este alicerce será fundamental para que as crianças vivenciem plenamente suas infâncias.

No encaminhamento e desenvolvimento da ação educativa, devem ser consideradas as angústias, sentimentos e motivações de todos os envolvidos, e para tal, devem-se construir estratégias comunicativas como base para o estabelecimento de trocas culturais, numa relação dialógica entre os sujeitos. Comungamos com ROCHA (2010, p.15), quando afirma,

Neste sentido, entre os saberes e as ignorâncias de que todos somos portadores e o reconhecimento do outro como igual a mim pela sua humanidade (e, portanto, tão digno de ser levado em conta como eu), acreditamos ser possível, sim, constituir uma relação de horizontalidade verdadeiramente interessada em superar em si a ignorância que tem do conhecimento do outro. Neste diálogo poderá haver complementaridades ou contradições. O que cada saber contribui para tal diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma dada ignorância.

Considerar os saberes, e as lacunas, destes três sujeitos da relação pedagógica na constituição da ação docente no período de inserção, e evidenciar quais estratégias estão sendo planejadas para dar acolhida a demandas heterogêneas em espaços de convívio coletivo é o objetivo principal deste estudo.

Por isso é importante refletir a respeito dos inúmeros questionamentos que fazem parte deste período inicial de inserção dos professores no início do ano letivo, tais como: com que grupo de crianças cada professor irá trabalhar? Quais os parceiros de trabalho farão parte desta trajetória? Mesmo antes, e depois do grupo definido vão surgindo outras e crescentes dúvidas: e agora, o que eu faço no trabalho educativo com este grupo de crianças? Quais as orientações e dimensões que devem orientar meu trabalho pedagógico? No que diz respeito ao trabalho com o grupo de crianças correspondente ao agrupamento etário de 2 a 3, quais as especificidades da ação docente no trabalho com esta faixa etária? De que forma planejar estratégias que tornem para as crianças este período inicial de ingresso na creche o mais tranquilo possível, considerando a heterogeneidade dos grupos?

Por sua vez, as famílias também lidam com um conjunto de sentimentos e angústias: Como proceder com as sensações de insegurança e medo que sentem diante da separação de seus filhos? De que forma acompanhar o momento de inserção dos filhos nesta fase inicial de ingresso na creche, quando o mundo do trabalho vira as costas para as singularidades da vida das pessoas? E ainda, quando não há políticas que amparem as famílias trabalhadoras na inserção qualitativa de seu filho na creche. Como estabelecer uma comunicação com os

profissionais da creche capaz de dar conta da multiplicidade de informações pertinentes às singularidades de cada criança no período de inserção?

E as crianças, como lidar com sentimentos resultantes da separação da família? De que forma ver com prazer a ampliação dos laços sociais e afetivos pela vinda à creche, quando tudo que não é familiar causa estranhamento? Como ficar bem num ambiente estranho, com pessoas novas ao convívio? Como estabelecer formas de comunicação com os adultos e crianças, considerando que nas formas de comunicação e expressão das crianças, há muitos canais comunicacionais, corpo, gesto, olhar, choro, que exige esforço na interpretação?

Neste sentido, este estudo se propõe a compreender a ação docente com a pequena infância no período de inserção das famílias e das crianças no espaço coletivo institucionalizado da creche, considerando em sua abordagem as dimensões interdisciplinares, a partir do olhar da sociologia, da história, da antropologia, da psicologia, entre outros. Segundo Sarmiento (2008, p.11),

No caso das experiências das crianças nas sociedades contemporâneas são inegáveis as radicais transformações nas suas formas de inserção, revelando como a categoria infância vem sendo ressignificada. Tal questão vem sendo abordada na recente produção da sociologia da infância... Busca-se nesta produção apreender como a categoria infância atua sobre a experiência de crianças com pertencimentos sociais diferenciados. A homogeneização da infância numa cultura globalizada confronta-se com a heterogeneidade das experiências infantis, produzindo novas formas de exclusão social.

Atualmente às contribuições da Pedagogia da Infância e da Sociologia da Infância tem influenciado o debate, as práticas pedagógicas, os documentos oficiais da rede municipal de educação e a formação dos professores, colocando as crianças na centralidade das discussões. Daí a importância em perceber pela via docente de que forma estão sendo vivenciadas as infâncias nos contextos educativos da creche, quais as estratégias planejadas para que as crianças se sintam encorajadas, subsidiadas desafiadas a se expressar, interagir, em suas múltiplas dimensões humanas. Aqui, não há intenção de sobrepor o lugar geracional dos adultos em detrimento das crianças, ao contrário, intenciona investigar como a proximidade, o compartilhamento de saberes, a auscultação dos diferentes modos de ser e de se expressar das crianças, possibilita a riqueza de experiências entre ambos.

Como professora de educação infantil sempre me inquietou a multiplicidade de sentimentos e emoções que fazem parte do período de inserção, principalmente por estes estarem associados às concepções de infância, de criança e dos anseios e expectativas com relação à creche que as famílias e professores compartilham.

Desta forma, as contribuições da Sociologia da Infância e das demais ciências humanas são de extrema relevância num momento em que a consolidação de uma Pedagogia da Infância exige considerar as crianças como seres humanos concretos e reais, pertencentes a contextos sociais e culturais que devem ser considerados e levados em conta. Neste caminho, a docência tem um importante papel na efetivação da função social da educação infantil.

No documento, Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil do Município de Florianópolis, em sua apresentação, a professora Dra. Eloisa Acires Candal Rocha (2010) enfatiza a importância da definição do caráter da docência, ou seja, do papel das professoras e professores. Em suas orientações, o texto tem como proposta ampliar as discussões do documento “Princípios Pedagógicos de Educação Infantil” (2000), esclarecer e ampliar a compreensão da função social da educação infantil e a importância do trabalho com os núcleos da ação pedagógica de forma articulada.

No referido documento, há orientações importantes no encaminhamento do trabalho pedagógico,

Neste sentido, reafirmamos o reconhecimento da especificidade da educação infantil como primeira etapa da educação básica, cuja função sustenta-se no respeito aos direitos fundamentais das crianças e na garantia de uma formação integral orientada para as diferentes dimensões humanas (linguística, intelectual, expressiva, emocional, corporal, social e cultural), realizando-se através de uma ação intencional orientada de forma a contemplar cada uma destas dimensões como núcleos da ação pedagógica. (p.12).

Na busca por um recorte que afine o meu olhar na pesquisa, decidi eleger a ação docente voltada para o trabalho pedagógico com as crianças da faixa etária de 2 a 3 anos da Creche Caetana Marcelina Dias no período de inserção correspondente aos meses iniciais do ano de 2014. Tal escolha também pretende contribuir com a necessidade de maior aprofundamento dos aportes teóricos que orientam a ação docente no trabalho pedagógico com as crianças dos agrupamentos etários de 0 a 3 anos.

A Creche Caetana Marcelina Dias, possui 02 turmas de GIII correspondente à faixa etária de 2 a 3 anos. No entanto, da totalidade de 30 crianças correspondente as duas turmas, 15 destas são crianças novas na unidade educativa, pois há somente um grupo de GII, que no ano seguinte se amplia com a abertura de uma nova turma, ou seja, são nestes grupos de GIII que compartilham espaços tempos e relações tanto crianças e famílias novas na creche, como aquelas que já faziam parte no ano interior. Compreender como os professores lidam com estas especificidades da ação pedagógica nos grupos de 2 a 3 anos envolvendo a inserção, torna-se instigante e relevante.

O período de inserção nas instituições educativas é o período inicial onde as primeiras relações são estabelecidas entre os profissionais de educação (professores, auxiliares, funcionários da creche como um todo), famílias das crianças e as próprias crianças com o novo contexto social em que estão se inserindo.

Este período costuma ser permeado por muitas ansiedades por parte de todos os envolvidos.

A ação docente possui um importante papel de mediar o trabalho educativo de educar e cuidar, estabelecendo vínculos com as famílias, com o objetivo de possibilitar a inserção da criança no espaço coletivo da creche de forma acolhedora e cuidadosa.

Nesta trajetória como professora de educação infantil da rede pública do município de Florianópolis em diferentes grupos, tenho observado que a inserção das crianças na creche ocorre na medida em que os espaços e as pessoas passam a serem gradualmente mais familiares para as crianças, o que sem dúvida leva tempo, mas que tem muito a ver com as dimensões educativas e a intencionalidade da ação docente na organização e planejamento deste importante período da vida das crianças.

Além disso, a dinâmica das relações sociais e culturais de todos os envolvidos neste processo evidencia a necessidade da ação docente considerar a diversidade de vivências e situações inerentes a este período, tais como questões de gênero, classe, religião, cultura, de atendimento as crianças com deficiência, entre outras.

Por conta das leituras, conversas com a orientadora Kátia Agostinho e contribuições da professora Rosinete Valdeci Schmitt, foram se evidenciando o seguinte problema da pesquisa: - como considerar as relações dos três sujeitos da relação pedagógica: famílias, professores e crianças em espaços públicos institucionalizados, com demandas e formas de organização coletivas, sem desconsiderar, ao contrário, priorizar a heterogeneidade e as individualidades das crianças/famílias?

1.2 OBJETIVO GERAL

Compreender quais as dimensões educativas e as estratégias pedagógicas são orientadoras da ação docente com as crianças no período denominado inserção, considerando os aspectos individuais e afetivos em grupos heterogêneos.

Desta forma, partindo de alguns estudos da área que já vem dialogando e discutindo a ação docente com as crianças menores, como Schmitt (2008), Duarte (2011), Tristão (2004),

entre outros e dos aportes teóricos das Ciências Humanas, pretende-se conduzir a pesquisa, orientada pelos seguintes objetivos específicos:

Identificar quais as orientações pedagógicas e curriculares subsidiam a ação docente com as crianças no período de inserção;

Compreender quais as estratégias metodológicas de que a ação docente se utiliza para planejar a inserção crianças, considerando demandas coletivas e individuais e,

Refletir sobre as especificidades da ação docente no trabalho educativo com as crianças na educação infantil no período de inserção.

Na busca dos objetivos que esta pesquisa se propõe, este estudo esta estruturado da seguinte forma: introdução; Capítulo 2, onde serão apresentadas as definições dos termos utilizados para referir-se ao período de ingresso das crianças em espaços públicos institucionalizados, como adaptação, inserção e acolhimento e do porque da escolha de um destes termos pela Rede Municipal de Florianópolis. Além disto, neste capítulo será realizada análise documental das orientações do período de inserção contidas nos seguintes documentos: Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/MEC; e documentos orientadores da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Inserção: mais que chegar, acolher! Orientações para o período de inserção das crianças na educação infantil; Diretrizes Educacionais Pedagógicas Orientações Curriculares para Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis; Orientações para o período de inserção contidas no PPP – Projeto Político Pedagógico da Creche Caetana Marcelina Dias, bem como levantamento dos trabalhos apresentados nos últimos cinco anos na reunião da ANPED- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, no período compreendido entre os anos de 2009 e 2013, no GT-07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos.

No capítulo 3 será exposta A temática da pesquisa nas tramas da relação pedagógica, onde serão apresentadas as crianças, das famílias e as concepções pedagógicas que orientam o trabalho do professor no período de inserção. Na exposição deste processo vivido serão apresentadas as Estratégias construídas e efetivadas para a condução da inserção com os diferentes sujeitos da relação pedagógica; e, A dimensão afetiva e o cuidado com as demandas individuais num grupo diverso e heterogêneo. Para tal demanda serão utilizadas fotografias para dar destaque às discussões e reflexões e evidenciar as relações estabelecidas entre os sujeitos da relação pedagógica no período de inserção.

Por último, nas considerações finais, procuro fazer uma síntese do caminho percorrido, trazendo algumas reflexões do que nos indicam as recentes pesquisas da área a respeito da ação docente e das especificidades do trabalho educativo com as crianças dos grupos menores

no entrelaçamento do que também nos indicam os saberes das famílias, crianças e professores no processo vivido no período de inserção no decorrer desta pesquisa.

1.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

“São os passos que fazem os caminhos.”

Mário Quintana

Neste percurso de escolha da temática até a escolha dos procedimentos utilizados para dar conta dos caminhos desta pesquisa, convém destacar as especificidades deste estudo, qual seja empreender o desafio de pesquisar a ação docente no período de inserção, considerando os três sujeitos da relação pedagógica: crianças, famílias e professores.

Neste sentido, o professor torna-se ao mesmo pesquisador, o que requer a escolha de alguns procedimentos e o explicitar das escolhas para dar conta das especificidades deste estudo.

Nos caminhos metodológicos desta pesquisa serão utilizados para análise, basicamente os registros escritos e fotográficos, com o uso de um caderno para realizar as anotações principais das vivências das crianças e suas famílias no contexto da creche. Desta forma, estes recursos objetivam serem ferramentas importantes para compreender a ação docente no período de inserção.

Dos procedimentos escolhidos: cruzamento que se coloca da professora e da pesquisadora.

Com o objetivo de aprofundar estudos que compreendam as dimensões educativas e a ação docente com as crianças no período de inserção, pretende-se realizar uma pesquisa de campo no grupo de crianças na faixa etária de 2 a 3 anos da Creche Caetana Marcelina Dias da Rede Municipal de Florianópolis, nos meses iniciais do ano de 2014.

Para tal, este estudo terá como olhar os estudos sociológicos voltados para a Infância, na tentativa de buscar uma compreensão mais aprofundada de como as crianças vivenciam suas infâncias na creche, tendo como foco o período de inserção e os três sujeitos da relação pedagógica: famílias, professores e crianças.

A pesquisa de campo se constituirá na análise dos documentos da unidade educativa, tais como: Projeto Político Pedagógico institucional, planejamento dos professores para o

período de inserção, além de um diário de campo onde serão feitos registros escritos e fotográficos, como recurso metodológico importante para apreender a realidade investigada.

Convém destacar que nesta pesquisa será feito um esforço metodológico não convencional na pesquisa, pois os papéis de pesquisadora e professora se articulam no processo de análise, pelo cruzamento com a posição de professora que atua neste mesmo grupo do qual esta pesquisa pretende investigar.

Este desafio metodológico foi aceito, consideradas aí as devidas limitações e processos de aprendizado, mas essencialmente por muitas vezes ser este o movimento que fazemos nos contextos educativos cotidianamente e acredito fazer parte da docência: o de refletir sobre as práticas e os registros sob a luz das teorias. O diferencial é que neste momento este processo ocorre dentro de uma orientação no espaço acadêmico, sem o qual este desafio não seria possível, e também com o objetivo de promover aprendizados relevantes na composição do processo de docência que qualifiquem ainda mais as ações pedagógicas em nossos espaços educativos.

É neste âmbito, que o recurso metodológico da fotografia torna-se importantíssimo, e enseja algumas reflexões, pois segundo Gobbi (2011, pg. 132),

Fotografias tiradas em ambientes escolares podem ensejar várias questões: quais os usos sociais dados às fotografias no interior das escolas de primeira infância? Como os segmentos que compõem tais espaços lidam com este objeto social e cultural, imagens-narrativas representantes de tantas infâncias e tantas docências? Elas documentam aspectos das relações sociais estabelecidas nos espaços escolares da primeira infância, e como tal, são problematizadas? Ao serem transportadas para outras mídias – CD-ROM, por exemplo – qual o processo de seleção? São selecionadas, ou simplesmente descarrega-se arquivos de imagens nos computadores? As próprias crianças tem acesso às imagens? Discutem-nas?

Neste sentido o recurso da fotografia será essencial na análise da ação docente a ser investigada, pois possibilita ver o que muitas vezes o cotidiano da atuação de pesquisadora e professora não conseguia registrar e também servindo como fonte documental do próprio trabalho de planejamento do professor.

Desta forma, nos caminhos desta pesquisa, pretende-se também realizar estudos das orientações do período de inserção contidas nos seguintes documentos: Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/MEC; e documentos orientadores da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Inserção: mais que chegar, acolher! Orientações para o período de inserção das crianças na educação infantil; Diretrizes Educacionais Pedagógicas Orientações Curriculares para Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis,

bem como levantamento dos trabalhos apresentados nos últimos 5 anos na reunião da ANPED, no período compreendido entre os anos de 2009 e 2013, no GT-07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos.

Aproximação com as pesquisas da área que tratam da temática a ser estudada.

Escolhida a temática, iniciei minhas primeiras incursões nos caminhos da pesquisa, fazendo um levantamento a respeito da temática: “A ação docente e as dimensões educativas que subsidiam a inserção das crianças no contexto educativo da creche”, tendo como foco de análise os trabalhos apresentados nos últimos 5 anos na reunião da ANPED- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, no período compreendido entre os anos de 2009 e 2013, no GT-07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Para tanto foram pesquisados os resumos dos trabalhos apresentados, elegendo algumas temáticas subjacentes, tais como: inserção, bebês, processos de socialização e ação docente.

Este levantamento temático tem origem na intencionalidade em pesquisar o período de inserção das crianças como o trilhar dos primeiros passos na tentativa de compreender de forma sistematizada as relações que permeiam os contextos educativos neste período tão importante na vida de adultos e crianças, culminando na construção da monografia como exigência para conclusão do Curso de Especialização em Docência do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

Neste processo, também me insiro no novo, aberta as novas aprendizagens, tecendo, construindo uma relação com os textos de forma a dialogar com os autores, refletir, deixar emergir o turbilhão de dúvidas, tornando gradualmente o que é desconhecido em palavra racionalizada, que é tecida na conjuntura de muitas outras palavras, e contribuir para que muitas e tantas interrogações me inquietem.

Que caminhos metodológicos seguir; quais categorias de análise eleger; será possível empreender estudos no próprio grupo do qual farei parte no decorrer da pesquisa? São algumas das indagações iniciais que o contato com os textos fez emergir.

Neste levantamento temático inicial, foram analisados 10 trabalhos, sendo que dentre estes somente em 2011 houve 04 trabalhos que trataram de aspectos similares da temática, nos anos de 2009, 2012 e 2013 foram apresentados 02 trabalhos em cada ano. Em 2010, não foi possível o acesso aos trabalhos apresentados na página da ANPED.

Neste mapeamento inicial dos trabalhos apresentados na ANPED, algumas leituras trouxeram indicações importantes em minhas reflexões, principalmente os trabalhos de Coutinho (2013), Reis (2013), Ramos (2012).

O trabalho de Reis (2013) baseia-se numa pesquisa de caráter qualitativo de cunho etnográfico com o objetivo de compreender como ocorre o período de inserção em duas turmas de agrupamento etário de 2 anos em uma Unidade Educativa do Município de Niterói, no Rio de Janeiro. A análise de dados deu-se à partir de três episódios com crianças e considerou em suas análises categorias e reflexões dos aportes teóricos de Vygotsky no que diz respeito ao conceito de vivência e Bakhtin com relação ao conceito de diálogo.

Esta análise me pareceu muito importante nesta busca inicial por autores que me ajudem a refletir e compreender as relações partilhadas entre adultos e crianças e as especificidades da docência no trabalho com as crianças menores, pois a autora percebe em suas análises que, diante de uma mesma situação, as diversas crianças do grupo tiveram reações bastante diferenciadas. Ou seja, compreender o período de inserção no encontro com o outro, num movimento de alteridade e num movimento contínuo de replanejamento da ação pedagógica que necessita da palavra do outro para se constituir, num encontro de muitas palavras e experiências.

Reis (2013) também traz contribuições relevantes no que diz respeito ao conceito de inserção e não adaptação por sua característica dinâmica, pois não apenas a criança é transformada pelo grupo, mas também transforma o grupo o tempo todo, neste movimento dinâmico que este estudo se propõe a investigar.

Coutinho (2013) se utiliza dos aportes teóricos da Sociologia interpretativa de Max Weber e da estruturação de Anthony Giddens, da Sociologia da Infância crítico-interpretativa e da pedagogia da infância, para compreender a ação social dos bebês num contexto institucionalizado e a recorrência destas relações, com enfoque nas relações entre pares, e por referenciais que ampliem a compreensão dos processos de socialização das crianças.

Para a autora as relações entre as crianças os modos de agir podem basear-se em inúmeros elementos, dentre os quais destaca a consonância da ação com o outro, e a tentativa de maior controle da sua própria vida, manifestada na escolha de seus pares nas relações sociais. As reflexões de Coutinho são extremamente relevantes e dialogam com minha temática na tentativa de compreender os processos de socialização que se iniciam no período de inserção, organizando categorias de análise que possibilitem reconhecer as relações entre pares, as escolhas, afinidades, estratégias de aproximação entre adultos e crianças, a recorrência dos enredos, da escolha entre pares, a percepção dos adultos com relação a este processo.

Na análise das preferências relacionais entre as crianças, Coutinho (2013), trabalha com recorrência da relação de reciprocidade, como uma ação mútua onde os sentidos são

compartilhados, o que permite que a ação torne-se socialmente construída. Esta abordagem dialoga com minhas reflexões, pois instiga a investigar quais as estratégias de ação mobilizam a interação entre os sujeitos envolvidos.

A pesquisa de Ramos (2013) traz importantes contribuições para que se compreendam as manifestações expressivas dos bebês, suas habilidades comunicativas não verbais, tomando como pressuposto que os mesmos possuem recursos sociocomunicativos para expressar suas intenções, desejos e necessidades, mesmo que ainda não sejam capazes de utilizar a fala articulada para se comunicarem. Esta forma de compreender as crianças dialoga com a reflexão pretendida neste estudo à respeito da docência e as especificidades na ação pedagógica com os mesmos, pois indica a necessidade de auscultação para outras formas de expressão das crianças, a observação atenta de suas vivências, aliada a investigação da própria prática do professor.

Contextualizando o campo de pesquisa

A creche Caetana, como é conhecida por todos, localiza-se no bairro Ribeirão da Ilha, no caminho que leva as praias da Armação, Pântano do Sul, Morro das Pedras, Matadeiro e Açores. O nome foi dado ao bairro devido a um rio, o qual nasce nas águas de uma forte cachoeira no Alto Ribeirão.

O Ribeirão da Ilha é um dos povoados mais antigos e típicos de Florianópolis, por sua importância histórica e arquitetura açoriana, além de sua influência nos costumes e cultura local. Possui um centro histórico, sede da antiga Freguesia, constituído pelas casas geminadas, alinhadas na rua fronteira ao mar e dispostas ao redor da pracinha, tendo a igreja na cabeceira.

A Igreja de Nossa Senhora da Lapa, foi inaugurada em 1806, construída pelos senhores e seus escravos, em alvenaria de pedra, cal e azeite de baleia, vindo da praia da Armação. Faz parte de um conjunto arquitetônico preservado por lei municipal de 1975, juntamente com o cemitério, aos fundos, e ao lado, o Império do Divino Espírito Santo, local da Festa do Divino, tradição religiosa açoriana.

É contemplado também pelas águas do mar, com águas calmas e areia grossa, propício ao cultivo de ostras, mariscos e berbigões. É um bairro apreciado por turistas e moradores por exibir por-de-sóis maravilhosos e por possuir uma rota gastronômica de frutos do mar muito procurada nos finais de semana e na alta temporada.

Conforme o que versa no Projeto Político e Pedagógico da Creche Caetana Marcelina Dias no ano de 2013, a referida unidade educativa foi fundada no ano de 1993, na

administração do então prefeito Sérgio Grando. Este nome foi dado em homenagem à professora Caetana Marcelina Dias, moradora do Alto Ribeirão.

Inicialmente atendeu aproximadamente 150 crianças na faixa etária de 04 meses a cinco anos e 11 meses, com a abertura de 06 salas do berçário ao segundo período, pois a pré-escola era atendida na Escola Municipal Batista Pereira, que fica em frente à creche.

A primeira diretora da creche Caetana foi a professora Nádia Daura Martins, indicada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis.

No final de 1998, teve a primeira eleição para diretores, onde a professora Zilma Carminatti Martins foi eleita pela comunidade, permanecendo no cargo até o final de 2002. Neste período surgiu a necessidade de criarmos um logotipo para a unidade educativa, realizou-se então, um concurso de desenho com pais, funcionários e crianças, onde o desenho da funcionária Rosana dos Santos Cipriano foi o escolhido, e esta marca é utilizada até os dias atuais como slogan da creche “ Aqui o Mundo é da Criança”.

Atualmente a Creche Caetana atende aproximadamente duzentos e oito crianças divididas em dez grupos. São eles:

Tabela 1: Agrupamento etário para o ano de 2014

TURMAS	IDADE	Nº DE CRIANÇAS		
		INTEGRAL	MATUTINO	VESPERTINO
GRUPO I	Mínimo 06 meses	15	-----	-----
GRUPO II	01 ano a 01 ano e 11 meses	15	-----	-----
GRUPO III – 1	02 anos a 02 anos e 11 meses	15	-----	-----
GRUPO III – 2	02 anos a 02 anos e 11 meses	15	-----	-----
GRUPO IV – 1	03 anos a 03 anos e 11 meses	19	01	01
GRUPO IV – 2	03 anos a 03 anos e 11 meses	19	-----	01
GRUPO IV/V	04 anos a 04 anos e 11 meses	24	01	-----
GRUPO V E VI	04 anos a 04 anos e 11 meses	24	-----	-----
GRUPO VI-1	05 anos a 05 anos e 11 meses	23	01	02
GRUPO VI-2	05 anos a 05 anos e 11 meses	25	-----	-----

Fonte: Ficha de inscrição da criança na Unidade Educativa.

No início de 2003 assumiu a direção a funcionária Rosinete Pereira Martins, cujo mandato durou até 2008. Neste interim, a creche passou por reformas e ampliação da cozinha a área de serviço e em 2006 foram construídas mais quatro salas e dois banheiros para crianças, com objetivo de atender a demanda da lista de espera.

Em 2009/2010 foi eleita e assumiu a direção a funcionária Dinéia Ricardina de Souza sendo reeleita e permanecendo no cargo até o presente momento.

A creche enquanto instituição educativa compreende a criança como sujeito social e histórico, produto e produtor de culturas, procurando constantemente refletir sobre o conceito de homem, sociedade, criança, educação, educador e creche. Aproveitando assim, para relacionar esses conceitos com os eixos norteadores da educação infantil: cuidar/educar/brincar.

Com relação a estrutura física o prédio é composto por dez salas de atendimento as crianças, sete banheiros, sendo 02 para uso dos funcionários, familiares e comunidade, um refeitório, uma secretaria, uma sala dos professores, cozinha, lavanderia, depósito de alimentos, depósito de material de limpeza e sala de supervisão. O espaço externo conta com dois parques e um gramado.

A creche fica localizada nos fundos da Escola Municipal Batista Pereira, na principal rodovia do bairro, a Rodovia Baldicero Filomeno, e o seu entorno caracteriza-se por ser residencial, com poucos comércios como supermercado, padaria, farmácia e alguns restaurantes, que se localizam basicamente a partir do centro histórico, mais conhecido como “freguesia do ribeirão”. O entorno da creche é calmo, sendo bastante movimentado nos horários de entrada e saída da escola e da creche, sendo o fluxo entre a escola e a creche bem intenso devido a proximidade do estacionamento e pelas famílias muitas vezes terem crianças tanto na creche como na escola.

As famílias que utilizam esta creche são moradores advindos dos bairros: Tapera, Areias do Morro das Pedras, Alto Ribeirão, Barro Vermelho, Freguesia, Costeira do Ribeirão e Caieira da Barra do Sul.

Atualmente possui famílias de origens diversas, devido a grande migração de famílias oriundas do interior de Santa Catarina, como também de outros Estados.

As atividades exercidas pelos pais são bem variadas. Trabalham no cultivo de ostras e mariscos, prestação de serviços, funcionários públicos, comércio e serviços domésticos. A renda familiar é em média 02 salários mínimos, com estrutura familiar diversificada.

Enquanto professora desta instituição durante os últimos 08 anos acompanhei mudanças significativas deste espaço, fruto do empenho de profissionais e famílias que com mutirões nos finais de semana tornaram este lugar muito mais convidativo e acolhedor para as diferentes expressões e brincadeiras das crianças. Foram realizadas mutirões para melhorias, como pinturas, plantio de árvores e instalação de novos parques que redimensionaram o espaço da creche, pois possuímos um espaço externo maravilhoso, amplo e arborizado,

circundado pelos morros do Ribeirão que tornam o local ainda mais bonito. Quando chega a primavera, crianças e adultos deliciam-se com a visita de tucanos, araras azuis e diferentes pássaros que embelezam em muito nossos dias em todas as estações do ano.

Famílias e Crianças do GIII-1

Conforme a Portaria de Matrícula nº 091/2006, anualmente ocorre primeiramente a rematrícula das crianças que já frequentam a creche, e, posteriormente, as inscrições novas.

No caso específico do grupo GIII, objetivo desta pesquisa, há inscrições de crianças novas, pois há abertura de uma nova turma deste agrupamento, já que há somente uma turma de GII. Com a ampliação de vagas para esta faixa etária há possibilidade de duas turmas de GIII, por isso o ingresso de 15 novas crianças na creche.

Contudo, aproximadamente nos últimos 05 anos, o grupo docente tem contribuído na composição dos grupos, de forma a que cada ano as duas turmas de cada agrupamento etário sejam misturadas, com o objetivo que as crianças convivam e interajam com maior número de crianças ao longo dos anos de convívio coletivo na creche, diferente do que era feito até então, onde as crianças permaneciam por muito tempo no mesmo grupo.

Por isso, as 15 crianças novas que chegam à creche para frequentar o GIII, são misturadas às 15 crianças que já faziam parte da unidade.

A fim de conhecer um pouco mais sobre o contexto social das famílias, foi realizado um levantamento dos dados gerais contidos nos documentos e informações fornecidas pelas famílias no ato da matrícula, destacando as profissões dos pais e mães do GIII-1, que em geral trabalham como: motorista, cobrador serviços gerais, autônomo, frentista, servente, professora, auxiliar de sala, cozinheira, maricultor e trabalhador de gráfica.

O nível de escolaridade das famílias, considerando pai e mãe, apresenta 56,6% das pessoas com o ensino fundamental completo ou incompleto, 23,3% com o ensino médio, 6,6% com o ensino superior completo, 10,0% com o ensino superior incompleto, e apenas 01 pessoa (3,33%) não informou sua escolaridade. Conforme a cor, duas crianças foram declaradas pardas pelos seus pais, as demais foram declaradas brancas.

A composição familiar com relação às pessoas que moram com as crianças é a seguinte: sete crianças moram com a mãe e o pai; seis moram com a mãe, o pai e os irmãos; uma mora com a mãe e a irmã, e uma mora com o pai, a mãe, os irmãos e o avô materno.

Denominado de Grupo III-1 esta turma é formada por 08 meninas e 07 meninos com as seguintes idades no início do ano letivo:

Tabela 2: Distribuição de crianças do grupo III-1

CRIANÇAS		IDADES	MATRICULADOS ANO ANTERIOR	NOVOS
Meninas	Meninos			
CAMILA		2 anos e 06 meses	Sim	
EDINARA		2 anos e 05 meses	Sim	
JÚLIA		2 anos e 8 meses		Sim
LUNA		2 anos e 8 meses	Sim	
MILENA		2 anos e 8 meses		Sim
SARAH		1 ano		Sim
ISABELLY		2 anos e 05 meses	Sim	
VICTÓRIA		2 anos e 06 meses		Sim
	NICOLAS	2 anos e 05 meses	Sim	
	PEDRO	2 anos e 06 meses	Sim	
	EDUARDO	2 anos e 8 meses	Sim	
	GABRIEL	2 anos e 01 mês		Sim
	HENRIQUE	2 anos e 06 meses	Sim	
	PIERRY	1 ano e 08 meses		Sim
	VINÍCIUS	2 anos		Sim
Total: 08	07		09	06

Fonte: Ficha de matrícula da criança na Unidade Educativa, referentes ao mês de fevereiro de 2014.

Algumas particularidades se destacam neste grupo, tais como: temos duas meninas gêmeas (Júlia e Milena); 01 menina com diagnóstico médico atestando que possui atraso no desenvolvimento (Victória) e 02 crianças que possuem idade inferior ao grupamento etário como um todo, é o caso da Sarah (que possui 1 ano) e o Pierry (que possui 1 ano e 8 meses). Do grupo de 15 crianças, 09 já faziam parte da nossa creche no ano anterior, e das 06 crianças novas na creche, 03 frequentaram creche particulares por uma período aproximado de 2 meses, e segundo relato das famílias, as crianças não se “adaptaram” bem, por isso não permaneceram nas mesmas.

2 INSERÇÃO

2.1 ASPECTOS LEGAIS SOBRE A AMPLIAÇÃO DO DIREITO DAS CRIANÇAS AO INGRESSO E INSERÇÃO EM CONTEXTOS INSTITUCIONALIZADOS.

Refletir sobre o período de inserção requer que se considere a multiplicidade de fatores que permeiam os contextos sociais, principalmente nas últimas décadas, que tem redimensionado os modos de vida das famílias e a forma de organização dos contextos educativos.

O contexto social das últimas décadas é marcado fortemente pelo ingresso cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, resultado de mudanças econômicas e políticas tanto local quanto mundialmente, modificando as relações sociais, redefinindo comportamentos e formas de organização do cotidiano de vidas dos indivíduos e grupos sociais.

Neste movimento histórico das mulheres no mercado de trabalho, inúmeras alternativas foram consideradas para deixarem seus filhos sob cuidados de alguém, entre estas deixar seus filhos com parentes, deixar na casa de um cuidador que é pago para tal tarefa, ou mesmo as associações filantrópicas e religiosas que se incumbiam dos cuidados das crianças, entre outros.

Desta forma, compreender os fatores que permeiam os contextos sociais da educação infantil na contemporaneidade, requer que esta seja compreendida em seu movimento histórico e dialético, onde as mudanças e relações sociais modificaram o papel da mulher e os direitos destas, mas também suas atribuições.

Schmitt (2008), em sua dissertação de mestrado, no capítulo *O lugar social da criança, da mulher e da família*, faz importantes considerações no cruzamento da história da criança com a história da mulher e as atribuições históricas do papel feminino e materno na composição da família. Em seus estudos, ficam evidentes as influências dos discursos de cunho médico-higienista, de fatores econômicos, políticos e filosóficos na mudança de concepções ao longo da história e na compreensão do conceito de infância como um período diferenciado da vida adulta. Segundo Schmitt (2008),

Embora o lugar social das crianças pequenas, na virada dos séculos XIX e XX, estivesse vinculado ideologicamente ao seio familiar, à mãe, a creche aparece como uma outra forma de contato social, não para todas as crianças, apenas para aquelas que, por condições adversas, não podiam contar com uma família nuclear modelo, que o pai provesse financeiramente e a mãe fosse responsável pelo lar. Como *mal*

necessário (VIEIRA, 1986), esse espaço era uma forma de substituir as mães, trabalhadoras, operárias, viúvas, solteiras, sem as condições necessárias para assumirem seu papel. Era também um espaço assistencial, de normatização moral. Contudo, nunca conseguiu atender toda a demanda, nem mesmo os mais pobres da época. No período mais recente, quando a educação infantil foi definida como um direito da criança e da família (a partir da Constituição de 1988), também não consegue atendê-la. (SCHMITT, 2008, pg. 31)

Assim, com a dinâmica da vida contemporânea, as políticas governamentais a nível local, nacional e mundial, passam a definir metas e a se responsabilizar junto com as famílias pela educação das crianças na primeira infância.

Portanto, abordar a questão dos direitos das crianças, e ao ingresso destas nas instituições públicas voltadas para a infância, nos remete incondicionalmente às leis, e o avanço que estas tiveram ao longo dos anos, resultado de debates e lutas da sociedade civil de forma organizada que pleiteou mudanças em diferentes setores da nossa vida social.

Em sua dimensão política, os direitos da criança foram evidenciados principalmente nos anos 80, fruto de um processo de redemocratização do país, resultando na Constituição de 1988, reconhecendo a creche como instituição educativa, sendo um direito da criança, opção da família e dever do Estado.

A nível educacional foram diversas orientações e leis que ordenaram a área como a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, a LDB/9394/96, o Plano Nacional de Educação (2001), o FUNDEB (2007) – Fundo Nacional de Educação Básica, e recentemente, a Emenda Constitucional 59/2009, além de Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2006).

A partir da Lei de Diretrizes e Bases 9394/1996 a creche passa a ser incluída como parte da educação infantil responsável pelas crianças até os três anos de idade e as pré-escolas para crianças de quatro a seis anos.

Além disso, este processo de abertura e democratização do país insere-se de forma mais ampla na dinâmica do capitalismo, no qual o papel da mulher trabalhadora nesta nova reorganização econômica-social é evidente.

Portanto, nas últimas décadas as famílias e, principalmente as mulheres trabalhadoras, necessitam cada vez mais de espaços educativos de qualidade para deixar seus filhos enquanto trabalham, e esta crescente demanda exige do Estado constantes arranjos para atender as reivindicações sociais de vários setores.

Embora as alternativas das famílias variem nas diferentes culturas com relação à escolha de com quem deixarem seus filhos enquanto trabalham, em nosso país crescem as

reinvidicações pela oferta de vagas nas instituições públicas e parece ser consenso adotado e pleiteado pelas famílias trabalhadoras.

Desta forma, a ampliação dos direitos e a universalização da educação, na prática, ainda ocorrem em meio a muitas contradições e soluções por vezes paradoxais para resolver os problemas crescentes da área e por demanda de vagas em contextos públicos institucionalizados.

Além disso, a educação básica tem passado por diferentes formas de organização que tem afetado particularmente a educação infantil, com a implementação do ensino fundamental de 09 anos e mais recentemente, com a Lei 12E.796/2013, que prevê a obrigatoriedade do ensino para a população de 04 aos 17 anos.

Sem entrar em questões mais profundas, que não é o foco deste estudo, tal exposição tem o intuito de refletir sobre as diferentes nuances concepções e ordenamento legal que marcam e organizam a educação infantil em nosso país e que influenciam nas escolhas das famílias quanto ao ingresso e inserção das crianças em espaços educativos. O que antes era uma opção da família e dever do Estado, passará a ser em 2016, uma obrigatoriedade para as crianças o ingresso na educação infantil à partir dos 4 anos, ainda que possam não ser estas as aspirações de todas as famílias para a educação de seus filhos na primeira infância.

Na outra ponta, a educação das crianças de 0 a três anos, foco deste estudo, que na contramão de inúmeras pesquisas, corre o risco de sofrer uma cisão entre a creche e pré-escola, sendo crescente a preocupação na área com relação aos investimentos, formação dos professores e oferta de vagas para os agrupamentos etários menores.

Por conta disso, contextualizar de que forma as crianças inserem-se na creche, como algumas famílias chegam com seus filhos nos contextos educativos, muitas vezes após travarem árduas batalhas no Ministério Público para garantirem o acesso à vaga, torna-se relevante, no momento em que se trata da temática inserção, objetivo deste estudo.

2.2 ADAPTAR, INSERIR OU ACOLHER.

Discussões crescentes na área acerca de concepções de criança e infância tem evidenciado a importância de empreender estudos à respeito da ação pedagógica com as crianças no interior das creches, revendo e ampliando conceitos e termos a partir destas discussões e estudos.

No que diz respeito ao período de ingresso das crianças no espaço de convívio coletivo os termos têm se modificado, pois estão ancorados em estudos que ampliam as concepções até então em voga.

A influência dos autores italianos trouxe para os contextos educativos o e conceito de inserção ou inserimento¹ e vem na atualidade orientando às propostas pedagógicas e as diretrizes contidas nos documentos oficiais, tais como: DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil- 2009, documento de ordem mandatória; RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil- (1998); Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis, (2010).

No entanto, nas bibliografias especializadas não há consenso quanto ao uso desta ou daquela denominação, referindo-se a este período inicial de ingresso das crianças nos contextos educativos utilizando-se de termos como adaptação, acolhimento, inserção, entre outros. Porém, cabe fazer algumas distinções.

Segundo o dicionário Michaelis (1998) adaptação significa ação ou efeito de adaptar; processo pelo qual os indivíduos passam a possuir caracteres adequados para viver em determinado ambiente; acomodar. Por sua vez, inserção significa ato ou efeito de se inserir, incluir, introduzir.

A Rede Municipal de Florianópolis utiliza atualmente o termo inserção que quer dizer introduzir, incluir-se num conjunto, integrar, intercalar, fazer parte de um contexto.

Saliento que neste estudo utilizarei o conceito de inserção por ser uma orientação aos profissionais da educação infantil da rede pública municipal de Florianópolis, expressos no documento *“Inserção: mais que chegar, acolher!”* e por acreditar que no momento é o conceito que considera as crianças como atores sociais nas relações sociais, ampliando o conceito de interação e socialização resultantes das contribuições da Sociologia da Infância.

Convém ressaltar, que tal proposta de estudo esta ancorado na Pedagogia da Infância e na Sociologia da Infância, considerando o viés da docência de forma articulada à perspectiva das crianças, nas complexas imbricações que as relações entre os sujeitos fomentam, num processo de humanização de ambos, crianças e adultos.

Alguns autores dialogam nesta perspectiva de considerar adultos e crianças como protagonistas ativos na relação social e no encaminhamento de propostas pedagógicas, como expressão de desejos e necessidades, e manifestações de demandas coletivas e individuais.

¹ Sabemos também que a terminologia *accoglienza* é utilizada em algumas experiências de educação infantil no país.

2.3 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUESTÕES SUBJACENTES AO PERÍODO DE INSERÇÃO.

Na esteira dos direitos, muitas conquistas no nível das leis e orientações documentais têm acompanhado as lutas e reivindicações de inúmeros setores e movimentos sociais e subsidiado as práticas sociais e o trabalho docente nos contextos coletivos de educação infantil.

Destacam-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), e tal documento está organizado com a seguinte estrutura: Apresentação; Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009; Objetivos; Definições; Concepção da Educação Infantil; Princípios; Concepção de Proposta Pedagógica; Objetivos da Proposta Pedagógica; Organização de Espaço, Tempo e Materiais; Proposta Pedagógica e Diversidade; Proposta Pedagógica e Crianças Indígenas; Proposta Pedagógica e as Infâncias do Campo; Práticas Pedagógicas da Educação Infantil; Avaliação; Articulação com o Ensino Fundamental; Implementação das Diretrizes pelo Ministério da Educação; e por fim O Processo de Concepção e Elaboração das Diretrizes.

Na apresentação do documento enfatiza-se a importância dos movimentos sociais, dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos dos trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, dos próprios professores, que culminaram na redefinição de novas leis e nas diretrizes curriculares nacionais, tendo em vista que as primeiras DCNEI datam de 1999.

Neste movimento de assunção das novas diretrizes curriculares nacionais, ainda há muitas contribuições necessárias e novas pesquisas na área a serem feitas, pois o campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos.

O documento também indica que têm se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches.

Conforme versa na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 que trata das definições de educação infantil, criança, currículo e proposta pedagógica, convém destacar de que se tratam estas importantes definições, a começar pela definição de criança (p. 12):

Criança: Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Desta forma, a definição já indica a complexidade das interações das crianças em suas inserções nos espaços de convívio coletivo das creches e a importância da construção das identidades pessoal e coletiva e dos sentidos que as crianças constroem sobre natureza e sociedade.

Ao se inserir na creche, muitos desafios são colocados na vida das crianças, desde inserir-se a uma nova rotina de horários para alimentação, sono e demais atividades, como estabelecer vínculos afetivos com novas pessoas, que até então não faziam parte das suas relações sociais.

Por sua vez, aos professores também resta o desafio de compreender quem são estas crianças, estabelecer estratégias com as famílias que possibilitem maior aproximação com as histórias pessoais e as singularidades das mesmas, no intuito de tornar este período o mais tranquilo possível e menos impactante na vida dos sujeitos envolvidos: professores x famílias x crianças.

Também a concepção de currículo é elucidativa neste sentido (p. 12),

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

A fim de articular as experiências e os saberes das crianças no período de inserção, a ação pedagógica com as crianças deve estar articulada com as ações das famílias, num processo de parceria, mediado pelo diálogo e respeito entre ambos.

O documento também indica que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem cumprir sua função sociopolítica e pedagógica, e para isso deve respeitar os princípios éticos, políticos e estéticos. Cabe distinguir de que se trata cada um deles. (p. 16)

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Desta forma fica evidente a necessidade de desenvolver propostas pedagógicas que considerem as diferentes culturas provenientes da composição de diferentes famílias e do respeito às singularidades e identidades das crianças.

A proposta pedagógica organizada nos contextos educativos tem então, a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias, considerando a diversidade cultural, a alteridade das crianças, suas singularidades e subjetividades, ainda que na convivência e heterogeneidade dos grupos, com o objetivo de (p.16):

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

Assim, no período de inserção inicia-se o desafio de construir formas de socialização que não sejam simples adaptação ao contexto da creche, ao contrário, que considerem novas formas de relação e socialização entre adultos e crianças, suas múltiplas formas de sociabilidade, que ocorrem muito antes das crianças ingressarem nos contextos educativos das creches.

Para efetivação dos seus objetivos, destaca-se neste estudo que a proposta pedagógica deve considerar o educar e cuidar em sua integralidade; as múltiplas dimensões e formas de expressão das crianças; o compartilhamento de saberes e respeito às diferentes famílias e formas de organização e o reconhecimento das singularidades e especificidades individuais e coletivas das crianças.

Com relação ao currículo na educação infantil, o documento indica que as interações e brincadeiras devem nortear as práticas pedagógicas, focado no planejamento de experiências que entre diferentes pontos, destaca a ampliação das vivências e experiências corporais, sensoriais e corporais, e ainda, a expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos das crianças.

No Capítulo 7 Organização de Espaço Tempo e Materiais as diretrizes indicam formas de efetivar os objetivos das propostas pedagógicas das unidades de educação infantil com alguns indicativos pertinentes a esta pesquisa, como (p. 19):

- a participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização as suas formas de organização;
- O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;

- O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças promovendo interações entre crianças da mesma idade e crianças de diferentes idades.

No capítulo 11 Práticas Pedagógicas na Educação Infantil os eixos norteadores do trabalho pedagógico são as interações e brincadeiras, com destaque para a organização de experiências que:

- Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais, que permitam movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos das crianças;
- ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidade no diálogo e conhecimento da diversidade. (p. 26).

Por último, as DCNEI dão indicações importantes para o item avaliação, considerando as especificidades da Educação Infantil. Conforme indica, as instituições de educação infantil devem criar procedimento e mecanismos para acompanhamento do trabalho pedagógico utilizando múltiplos registros utilizados por adultos e crianças, tais como: relatórios, fotografias, álbuns, desenhos, etc.

Neste estudo cabe ressaltar os seguintes tópicos:

- A continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);
- Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil; (p. 29)

A análise documental permitiu perceber que a temática inserção não esta claramente apresentada no mesmo, no entanto, se apresenta em diferentes capítulos em temáticas subjacentes, como interação; acolhida às famílias; reconhecimento às singularidades individuais e coletivas das crianças; entre outros, principalmente em abordagens como concepção de criança, princípios norteadores, proposta pedagógica, avaliação.

2.4 ORIENTAÇÕES DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

As orientações do município de Florianópolis no encaminhamento do trabalho pedagógico com as crianças no período de inserção estão expressas no documento *Inserção: mais que chegar, acolher!* (2010), tanto para as crianças que ingressam no início do ano na creche como as que são matriculadas no decorrer do ano.

Na introdução do documento, ressalta-se que ao sair da esfera exclusivamente doméstica para ingressar em espaços de convívio coletivo, as crianças passam por muitas mudanças que afetam as suas vidas de diferentes formas.

Por isso planejar, repensar este período torna-se extremamente importante e um desafio para os profissionais para pensar novas formas de organização, tendo em vista que as formas de recepcioná-las e atendê-las nos primeiros dias, assim como seus familiares, irão demarcar boa parte da relação que será vivenciada ao longo do ano.

Além disso, contribuições de diferentes áreas têm ampliado às reflexões no sentido de perceber este período não como simples adaptação às normas e processos de socialização aos espaços de convívio coletivo institucionalizado, mas compreendendo-o como o período inicial de compartilhamento entre família e creche na educação e cuidados das crianças.

Também faz algumas reflexões a respeito das diferentes denominações que são utilizadas para referir-se a este período, como adaptação, acolhimento e inserção, constatando que a utilização de uma ou de outra revela concepções sobre as crianças e o modo de condução do trabalho dos profissionais nesse processo.

Destaca que a Rede Municipal de Florianópolis utiliza atualmente o termo inserção que quer dizer introduzir, incluir-se num conjunto, integrar, intercalar, fazer parte de um contexto.

A opção pelo termo inserção se justifica pelo entendimento de que integrar-se num grupo pressupõe tornar-se parte dele, incluir-se, sendo que a criança não apenas se acomoda, mas integra-se ativamente, interfere na sua composição.

O papel do professor torna-se fundamental neste processo como encorajador e facilitador destas experiências para as crianças e familiares, privilegiando em seu planejamento a atenção individualizada e a organização do tempo, espaços, materiais e atividades para este período.

Por isso o tempo de permanência de cada criança nos primeiros dias na creche deve ser cuidadosamente planejado e deve acontecer com o acompanhamento de algum familiar,

com objetivo do professor conhecer os diferentes jeitos de ser das crianças, estabelecer um diálogo e um compartilhamento de saberes com as famílias, para poder lidar com as possíveis manifestações de desconforto, estranhamento, dificuldades na alimentação, sono, entre outros.

Para que as orientações sejam efetivadas, o documento orientador ainda indica algumas estratégias de organização que estão divididas nos seguintes itens: Organização com as crianças que já frequentam a instituição; Organização com as crianças novas na instituição; Organização da instituição e Organização com as famílias.

Ressalta-se nestas indicações, que em todas as formas de organização deve ser privilegiado o diálogo e a escuta das famílias; o planejamento da gradação dos tempos das crianças; o olhar atento para as diferentes formas de manifestações e expressão das crianças, tanto àquelas que já frequentam a creche, quanto às crianças novas na instituição; a organização dos espaços e materiais para dar acolhidas as crianças e famílias, entre outros.

2.5 INSERÇÃO NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA CRECHE CAETANA MARCELINA DIAS

No Projeto Político e Pedagógico da creche, sob o título “*A inserção sobre o ponto de vista do ambiente educativo*”, são elencadas importantes orientações na forma de organização coletiva para o encaminhamento pedagógico para este período.

A Creche Caetana Marcelina Dias caracteriza-se como um espaço Institucional de Educação Infantil, e toma como base de seus objetivos principais a Educação e Cuidado de forma indissociável, complementando a ação da família referente às crianças de faixa etária compreendida entre 0 e 06 anos.

Tal documento objetiva elencar as concepções que norteiam o cotidiano das práticas pedagógicas, especificamente no que diz respeito à inserção, fundamentado nos princípios norteadores contidos nas diretrizes pedagógicas para a Educação Infantil.

Busca também salientar a concepção que esta unidade tem sobre o processo de inserção das crianças e define os modos de organização, a fim de que todos os envolvidos no processo vivenciem esse momento de maneira clara, tranquila e segura estabelecendo uma relação de parceria, respeito e confiança mútua.

Como enfatiza BOVE (2002), o processo de inserção, requer um ambiente bem planejado e preparado que transmita para as crianças e famílias mensagens imediatas de acolhimento e respeito.

O principal indicador de acolhimento que os pais podem receber é o fato de serem convidados a passar o maior tempo possível na creche. À medida que os pais vão familiarizando-se entre si, também vão criando vínculos e a criança se beneficiará desses vínculos cada vez mais estreitos entre professores e pais. (BOVE, 2002, p.136)

No Projeto Político Pedagógico enfatiza-se que o processo de Inserção tem como objetivo fundamental o reconhecimento de cada criança como um ser único, respeitando e valorizando a singularidade das famílias, professores e demais profissionais, bem como a identidade da creche como um todo, além de demarcar a importância dos objetivos expressos nos planejamentos e nas práticas pedagógicas exigindo planejamento prévio, definições de modos de organizar a acolhida das crianças e suas respectivas famílias. Tem como ações: Leituras de textos que esclareçam as famílias sobre esse momento; painéis com fotos e registros a fim de que todos os envolvidos vivenciem este processo de maneira efetiva; e uma reunião geral com as famílias, professores e demais profissionais da creche, na qual se planeja e organiza as estratégias de ação para este período tão importante, quanto delicado.

No mundo ocidental a família parece sentir-se solitária desde o momento em que a criança nasce. A creche é o lugar que dá apoio a família e aos cidadãos de um novo século, de um novo futuro. A nossa geração pode ajudar a determinar o futuro de nossas crianças. Esta é a razão pela qual não somente devemos trabalhar juntos a fim de entender o que devemos fazer pelas crianças, mas também pedir a elas que se tornem bons pais e bons professores e que formem uma boa sociedade. (RINALDI, 2002, p. 79-80).

Mantovani e Terzi (1998) ressaltam que é fundamental a presença dos pais em sala durante o período de Inserção e que neste momento as trocas elucidam sobre os hábitos de cada instância individualmente.

Desta forma, buscamos levar em conta a dimensão numérica, a faixa etária e a diversidade dos grupos que irão compartilhar a experiência do inserimento, uma vez que os mesmos são constituídos por crianças novas no contexto da creche, e outras que já estão habituadas ao convívio coletivo. Por isso fica a critério de cada grupo planejar a inserção em pequenos grupos sendo, que esta opção possibilita uma relação de diálogo mais estreita com as famílias.

O documento destaca que a permanência das famílias com as crianças na creche é de extrema relevância, principalmente para aquelas que estão inserindo-se pela primeira vez num

espaço de convívio coletivo e/ou as crianças muito pequenas, pois muitas vezes nos surpreendemos com atitudes inesperadas tanto das famílias quanto das crianças. Ou seja: crianças que se inserem com maior facilidade e outras que demoram um pouco mais; famílias que não estão maduras para este momento de separação e necessitam deste tempo; pessoas da família que se revezam para tornar este período mais agradável e tranquilo para todos, especialmente para as crianças.

Salienta também a necessidade de manter um contato permanente com as famílias durante todo o ano, visando o compartilhamento de experiências, fundamentados no diálogo e na comunicação constante, seja em conversas individuais ou junto a pequenos grupos de pais, avaliando o processo educativo para que o objetivo principal seja garantido, ou seja, que as crianças possam gradualmente estabelecer novas relações e ao mesmo tempo explorar e interagir nos espaços de forma autônoma.

O documento indica que para os bebês é difícil este período de separação da família, em alguns casos a dificuldade é maior para a família, que fica insegura com este momento novo na vida do bebê. É importante neste momento deixar as famílias bem à vontade, atender seus questionamentos, dar dicas e conversar sobre as crianças. Assim vão adquirindo segurança para deixar seu filho na creche. A família estando segura tranquiliza a criança, favorecendo sua inserção ao novo grupo, por isso deve ser combinado o tempo que a criança vai permanecer na creche e aos poucos ir aumentando, de acordo com a necessidade do grupo.

Segundo o PPP, para as crianças maiores o tempo de inserção também deve ser gradativo, pelo menos nos três primeiros dias, para que os profissionais possam observar seu relacionamento no convívio do grupo. Esse procedimento deve ser estendido para as crianças que já faziam parte da creche em anos anteriores, pois segundo o que versa no mesmo, muita coisa muda na vida da criança no período de férias.

Deve-se levar em conta ainda o fato de que o grupo que irá frequentar é novo, os profissionais são novos e não conhecem nada sobre a criança e seus familiares, sendo necessário um tempo maior para se criar uma relação de confiança. Sempre que necessário deve-se realizar reunião com as famílias e deixar claro que o tempo dedicado à criança é fundamental em seu processo de crescimento e desenvolvimento na creche, respeitando a criança e o seu direito de ter uma inserção tranquila.

3 A TEMÁTICA DA PESQUISA NAS TRAMAS DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Com o propósito de estabelecer interlocuções com as teorias que sustentam este estudo, e minha ação pedagógica relativa às estratégias pedagógicas no período de inserção, analiso neste capítulo alguns episódios das práticas sociais educativas entre os sujeitos da relação pedagógica (professores, crianças e seus familiares) no período de inserção e passo um pouco desta história, tecida a muitas mãos, no encontro de muitas palavras, algumas ditas outras sentidas, de gestos intencionais outros tantos suspensos no ar, olhares, sentimentos, ansiedades, que estão circunscritos na história de cada um, e que o olhar cuidadoso desta pesquisa sabe ser um desafio e tanto abarcar em sua totalidade.

O esforço será de contar esta história por dentro da relação pedagógica, ou seja, sendo ao mesmo tempo protagonista da ação juntamente com as crianças e famílias, e tentando se deslocar da ação para fazer a reflexão necessária para maior compreensão sobre as vivências cotidianas neste período inicial de ingresso das crianças no espaço coletivo da creche. Os papéis de pesquisadora e professora se entrelaçam numa complexa trama, por isso a importância de manter cautela e atenção aos desafios que se colocam a tal feito de pesquisa.

Considero importante ressaltar aqui as contribuições de Guimarães (2010), com os conceitos fundamentais na relação pedagógica, como educação e cuidado como postura ética, atitude responsiva, de escuta e diálogo com as crianças.

Neste sentido, a autora nos faz refletir a respeito de como nós, educadores, respondemos as diferentes formas de expressão das crianças, como damos visibilidade às suas ações sociais, considerando os bebês e crianças pequenas como parceiros na construção de significados compartilhados. Aponta, ainda, que este movimento de reorganizar as práticas envolve uma série de reflexões, sem dicotomizar cuidado e educação. Segundo a autora (2010, p. 35)

Na relação entre adultos e crianças é possível perguntar: o quanto o educador/adulto está atento para o cuidado de si, que não se restringe aos hábitos cotidianos de higiene, por exemplo, mas refere-se a um trabalho de atenção às próprias ações e emoções, reflexão sobre seus fazeres e intervenções?

Neste sentido de cuidado como ética e a atitude responsiva dos adultos com relação à escuta atenta às diferentes manifestações infantis é que esta pesquisa procura dialogar com a prática docente, a partir da reflexão de alguns episódios em forma de registros escritos e fotográficos, realizados no período de inserção.

Realizar os recortes para afinar a perspectiva da pesquisa é difícil, fazer tal documentação em forma de registro foi ainda mais, pois muitas vezes foram registros feitos posterior a ação, ficando em alguns momentos a sensação de incompletude, dos riscos de uma escrita sintética que reduz a multiplicidade de relações circunscritas na ação, e o desejo de uma descrição mais densa dos episódios, pois possibilitariam uma discussão mais aprofundada deste momento tão importante na vida de todos os sujeitos da relação pedagógica.

Para enfrentar este desafio optei por eleger alguns episódios que julguei pertinentes a este aprofundamento, com o objetivo de alcançar uma maior compreensão sobre as proposições e estratégias da ação docente no período de inserção com relação às demandas heterogêneas das crianças e suas famílias no convívio em espaços coletivos com o ingresso na creche.

Outro desafio se coloca como central nesta pesquisa: estabelecer uma relação dialógica e respeitosa com os estudos sociológicos voltados para a infância, sem sobrepor o lugar geracional dos adultos em detrimento das crianças, ao contrário, procurando apresentar as estratégias e dimensões educativas que norteiam o trabalho pedagógico com as crianças, partindo do que nos indicam as suas relações cotidianas com os adultos e com seus pares.

Schmitt (2008) em sua pesquisa esclarece quanto à importância de se contextualizar a realidade a ser investigada e as formas de organização pedagógica. Segundo Schmitt (2008, p.75),

A inserção num grupo de bebês para o desenvolvimento deste estudo exigiu a realização de um *detour* (KOSIK, 1965) não apenas teórico, mas de caracterização do contexto mais amplo da realidade analisada. Não bastaria descrever a creche investigada ou as peculiaridades das famílias de que as crianças fazem parte, sob o risco de abreviar a interpretação das condições sociais e históricas que influenciam nas relações sociais dos meninos e meninas com menos de 1 ano de idade, num contexto de educação coletiva.

Desta forma, compreendo importante contextualizar a organização da unidade no início do ano, do grupo de profissionais, do espaço da sala e outros.

3.1 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO – O INÍCIO

Ao iniciar o ano letivo, e antes mesmo que isto ocorra, uma infinidade de sentimentos, expectativas e ansiedades tomam conta dos pensamentos e afetos dos sujeitos da ação

pedagógica: crianças, professores e famílias. Cada qual com suas indagações, procurando respostas e caminhos que apaziguem este momento inicial por vezes tão turbulento: o ingresso das crianças na creche.

Nos contextos educativos, os professores organizam-se para a escolha dos grupos e o início do planejamento do ano letivo.

Na unidade educativa pesquisada, muitas vezes a escolha dos grupos requer sorteio, quando mais de uma professora deseja escolher um mesmo agrupamento etário. Ainda, afinidades de diferentes ordens entre os profissionais da creche torna este momento ainda mais apreensivo, pois além da escolha dos grupos, muitos profissionais anseiam trabalhar juntos, e este é mais um elemento que contribui para a ebulição dos sentimentos deste período.

Na primeira reunião pedagógica para o ano letivo de 2014, ficou definido o agrupamento etário, os grupos de profissionais responsáveis pelas mesmas e redefinidas algumas metas iniciais no encaminhamento do ano letivo, como alguns pressupostos do PPP, projetos coletivos, calendário escolar, planejamento do período de inserção, planejamento e organização da pauta para a primeira e importante reunião com as famílias, entre outros.

Por sorteio fiquei responsável pelo trabalho pedagógico com as crianças do GIII-1 (2 a 3 anos). Neste grupo há duas crianças com idade correspondente ao agrupamento etário denominado GII (crianças de 01 a 02 anos), que fazem parte do nosso grupo pela disponibilidade de vagas existente no mesmo.

Fazem parte da equipe de trabalho do grupo as profissionais: 01 professora-período integral / 40h. com especialização em educação infantil e séries iniciais; 01 auxiliar de sala – matutino/30h. e 01 auxiliar de sala – vespertino/30h., ambas com graduação em Pedagogia; 01 professora de educação física – período matutino 1 dia de 45 min.; período vespertino 1 dia de 1:30 min./40h com especialização em educação física escolar.); 01 professora auxiliar de ensino – matutino/20h. com graduação em pedagogia; e 01 professora auxiliar de ensino – vespertino/20h. com especialização em educação infantil e séries iniciais.

No início da manhã, das 7h às 8h, e no final do dia, das 17h às 19h as auxiliares de sala ficam sozinhas, mas como há um movimento de chegada e ida para a casa, o grupo não está em sua totalidade. Porém, no horário das 12h às 13h a organização do trabalho impõe que a auxiliar fique com o grupo todo sozinha, o que não respeita o número limite de crianças por adulto e coloca uma série de desafios que precisam ser enfrentados pelo sistema.

Com a implementação da hora-atividade² em tempo a professora, no dia da hora-atividade é substituída pela professora auxiliar de ensino, que neste caso, representa a presença de mais duas professoras no trabalho pedagógico, uma no período matutino e outra no período vespertino.

Após a definição do grupo de trabalho algumas tarefas se apresentam como fundamentais: estreitar os laços entre os profissionais, afinar encaminhamentos, dar coerência e corpo às proposições de conhecer as famílias e crianças, planejar estratégias de inserção dos mesmos, cuidar da organização do espaço da sala e outros.

Nos dois primeiros dias de trabalho pedagógico na unidade educativa, o tempo corre descompassado com as inúmeras atividades que temos de nos propor: organizar a recepção das crianças, cuidar e organizar os espaços da sala, planejar a reunião com as famílias, participar das decisões coletivas referentes à composição do calendário letivo e novas orientações para o PPP, entre tantas outras atribuições.

3.1.1 A organização do espaço – móveis, objetos, brinquedos e materiais

A opção por trabalhar com a organização dos espaços faz parte de uma concepção de planejamento que objetiva qualificar as vivências e aprendizagens das crianças, favorecendo as brincadeiras e interações de forma com que as crianças se sintam parte integrante deste lugar, onde sentem que seus desejos e necessidades são reconhecidos e podem também interferir, projetar, modificar este espaço do jeito que lhe parecer mais conveniente para suas diferentes expressões.

Possuímos uma quantidade razoável de mobiliário, muitos deles produzidos em anos anteriores com material reciclado e que nos acompanham neste ano também. São móveis confeccionados com caixas de leite e garrafa pet e técnicas de papietagem na tentativa de suprir a falta de um mobiliário adequado para as crianças da educação infantil. A prefeitura fornece móveis, tais como: armários, balcões, trocadores e prateleiras, sendo necessário,

² A implementação da hora-atividade em tempo está sendo gradativa, fracionada em 3 anos, com início no ano de 2013, devendo ser complementada em sua integralidade em 2015, ano que vem. Este ano, 2014, a hora atividade em tempo representa 08 horas semanais para os professores que possuem jornada de trabalho de 40h, que equivale a um dia por semana para a realização do planejamento e avaliação; para as professoras que têm 20h de trabalho semanais, o tempo da hora-atividade é proporcional, ou seja 4h. Da totalidade da hora-atividade, a metade deve ser utilizada para trabalho coletivo na unidade e formação continuada, a outra metade para organização individual do professor em seu planejamento e avaliação.

muitas vezes fazer arranjos espaciais e de mobiliário para instigar e ou ampliar as diferentes manifestações e expressões comunicativas das crianças em suas descobertas e brincadeiras.



Fotografia 1: Canto com fantasias, sofás, bolsas, maquiagem.



Fotografia 2: Canto sofás/bonecas



Fotografia 3: Espaço para jogos(quebra-cabeças/lego/madeira/jogos de encaixe)

A mobília é constituída por quatro armários fechados, sendo três deles onde são guardados os objetos pessoais das crianças, como travesseiros, cobertores e toalhas, e um onde são guardados os materiais pedagógicos das professoras, como livros, CD'S e DVD'S, entre outros. Estes armários servem muitas vezes como divisores de espaço e sua disposição se modifica sempre que percebemos a necessidade de um canto mais específico para determinadas brincadeiras das crianças. Na sala há também duas mesas para as crianças, quinze cadeiras e quinze colchonetes.

Os brinquedos da sala, em sua maioria, foram doações das famílias e aquisições das próprias professoras com a verba da APP, mais alguns fornecidos pela PMF, por isso neste grupo há uma relativa variedade de materiais e brinquedos, como: bonecas de diferentes tipos e tamanhos, roupas de bonecas, loucinhas de barro e de plástico, jogos de quebra-cabeças, jogos de encaixe, carrinhos pequenos e grandes, pista de carros, livros de histórias, fantasias, maquiagem infantil, bolinhas de sabão, máscaras, chapéus variados, brinquedos para modelagem, jogos de madeira e lego, boliche, bolas, cordas, elástico.



Fotografia 4: Estantes móveis divisoras de espaço.



Fotografia 5: Materiais diversos para diferentes formas de expressão: gráfica, plástica, modelagem, recorte e brinquedos de parque.

O ingresso das crianças na creche tem efeitos importantes na vida das mesmas, como também na vida das famílias, por isso este período deve ser cuidadosamente planejado, os vínculos entre os envolvidos devem ser estruturados numa relação gradual de confiança, comprometimento e diálogo constantes, a fim de favorecer relações qualitativas entre os sujeitos.

Neste sentido o processo de inserção exige planejamento prévio, definição de modos de organização de acolhida das crianças e suas respectivas famílias, a fim de que todos os envolvidos vivenciem este processo de maneira tranquila, estabelecendo uma relação recíproca de parceria, respeito e confiança.

Conforme a Proposta Político Pedagógica da nossa unidade educativa, as formas de inserção e apropriação do contexto físico e social efetuados pela criança ocorre de diferentes formas nos diferentes grupos e faixas etárias, em consonância com o planejamento dos profissionais das mesmas.

Diferentes configurações e estruturação de espaços e tempos distintos deve-se ao fato de que a diversidade dos grupos é constituída por crianças novas no contexto da creche e crianças já habituadas ao convívio educativo da creche, por isso a heterogeneidade dos grupos deve ser considerada e respeitada.

Compreendo que “a educação possui uma dimensão espacial e que, também, o espaço seja, junto com o tempo, um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa”. (FRAGO, 1998, p.61). Significa dizer que o espaço deva ser dinâmico, estimulador das interferências humanas, um espaço que seja acolhedor, quente e vivo, e que se apresente às crianças como possibilidade, não como limite.

Agostinho (2003, p. 122) em sua dissertação de mestrado intitulada “*O espaço da creche: que lugar é este?*”, nos possibilita refletir sobre este espaço educativo como elemento humanizador.

O espaço da creche tem de oportunizar as crianças que nele vivem um lugar de possibilidades de expressão corporal infantil e adulta, baseando suas práticas nos princípios de inteireza humana, contrapondo-se à dicotomia corpo-mente instaurada em nossa sociedade. Estaríamos assim assumindo o desejo manifestado pelas crianças de se movimentar, para conhecer, para comunicar-se, para explorar, para interagir, para expressar-se, nesta caminhada de humanos que somos.

Desta forma, garantir um espaço planejado que se flexibiliza com as intervenções, possibilita que as crianças tenham a oportunidade de partilhar diferentes relações, além de favorecer aos adultos a oportunidade de observar as diferentes expressões e manifestações infantis, conhecendo cada vez mais os jeitos de cada criança, tão importantes neste período inicial de inserção no espaço de convívio coletivo da creche.

Os constantes arranjos espaciais promovem o encontro das crianças entre si, desenvolvem afinidades, parcerias, negociações na relação entre pares, num ambiente acolhedor, desafiador e estimulante.



Fotografia 6: Relações entre pares: Estabelecimento de afinidades/negociações; momento de criatividade/imaginação.

3.2 FAMÍLIAS, CRIANÇAS E PROFESSORES: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES – A REUNIÃO



Fotografia 7: Reunião com as famílias.

Como primeira estratégia de aproximação com as famílias e crianças temos como encaminhamento uma primeira reunião com os pais, em que a equipe de professores organiza e planeja com os familiares como será a convivência nos dias posteriores, considerando a especificidade de cada agrupamento.

É realizada uma reunião geral com a grande maioria das famílias, e posteriormente as mesmas são convidadas a participar das reuniões por grupo, devendo cada família se dirigir para a sala de seu filho (a). Já neste primeiro dia temos o contato com algumas crianças, que costumam ir à reunião com seus familiares. Por isso esta reunião é também uma primeira aproximação e os primeiros vínculos estabelecidos.

Na reunião com as famílias do nosso grupo (GIII-1), os familiares se apresentaram e relataram as expectativas iniciais com relação à creche, e foram orientados a apresentar o seu filho (a), ficando a vontade para comunicar aspectos importantes de sua vida familiar, tais como: onde moram, composição familiar, a escolha da creche, expectativas, particularidades, entre outras.

Vasconcellos (1999, p.11), nos faz refletir sobre a importância de que todos os integrantes da relação pedagógica tenham seu espaço garantido, já que o planejamento pedagógico “também lida com pessoas, jeitos, com histórias diferentes, com o que é novo..., desconhecido, ainda não apropriado...”

Este encaminhamento é fundamental para que se iniciem relações democrática de escuta e acolhida aos diferentes sujeitos, e para que as famílias percebam a importância de seu envolvimento na inserção das crianças na creche, sendo sensibilizadas a participar ativamente deste momento de compartilhamento de saberes, onde são os interlocutores legítimos para falarem de seus filhos (as), neste momento em que a maioria das crianças ainda não está presente na creche.

Na reunião procuramos sensibilizar as famílias no sentido de realizarmos um trabalho em conjunto, em parceria com as proposições construídas, pois considerando a faixa etária das crianças, algumas proposições pedagógicas voltadas para as crianças necessitam do envolvimento e participação das famílias, principalmente nestes primeiros meses de trabalho pedagógico.

Podemos perceber um pouco do clima da primeira reunião no registro que segue

Na reunião era perceptível o silêncio atento às nossas primeiras palavras, a ansiedade por conhecer quem passaria uma boa parte do tempo com seus filhos. Algumas crianças presentes deixavam o ambiente mais descontraído e já interagindo ativamente no espaço da sala, ora mostrando algum brinquedo para seus pais, revendo amigos já conhecidos, curiosos com tudo e todos. (Registro, dia 11/02/2014).



Fotografia 8: Henrique mostrando brinquedo p/mãe. Fotografia 9: Pedro mostrando brinquedo ao pai.

Na apresentação das crianças alguns pais relatam particularidades de seus filhos(as), mas é no cruzamento da pesquisa “*Eu sou...*”, onde os pais relatam por escrito algumas singularidades importantes das crianças, da pesquisa “*Meu brinquedo/objeto favorito*” e as falas das famílias que vamos compondo os primeiros indicativos e conhecimentos á respeito da vida das crianças.

As reflexões de Tristão (2004, p. 11), são elucidativas no sentido de tentar compreender os diferentes contextos de vida dos quais as crianças são oriundas. A autora elucida a importância de

[...] distinguir as várias realidades que os sujeitos ali vivem e como entendem essas realidades; compreender que escolas, creches e pré-escolas trazem uma marca distinta de acordo com o lugar, as crianças, os professores e todo um contexto no qual estão inseridas. Enfim, não deve perder de vista a heterogeneidade que permeia toda e qualquer instituição de educação.

Neste grupo, optou-se por realizar uma inserção em grupos menores, ou seja, conforme a disponibilidade das famílias a proposição foi receber as crianças a metade no período matutino e a outra metade no período vespertino, por um período equivalente a duas horas em cada turno e com a presença das famílias em uma proposta inicial de 3 dias, devendo ser avaliada posteriormente. A possibilidade de grupos menores objetiva promover o diálogo e relações mais estreitas com as famílias, que num grande grupo fica comprometido.

Este encaminhamento, mesmo demoradamente explicitado na reunião de pais, afirmado pela sua importância de dar acolhida de forma tranquila às diferentes crianças, em sua efetivação no cotidiano muitas vezes sofre algumas resistências de algumas famílias, desejando apressar este período que necessita de tempo para acontecer e dar qualidade ao estabelecimento das relações. As razões e motivações de algumas famílias tem haver muitas vezes com questões trabalhistas, pois não são liberados para acompanhar seus filhos nestes

primeiros dias na creche, exigindo muitas vezes arranjos em suas famílias que causam transtornos em suas formas de organização.

Portanto, as conversas diárias com as famílias e a reorganização constante dos combinados entre os adultos envolvidos nestes primeiros dias de inserção são fundamentais na reorganização de estratégias para que este momento de conhecimento do novo vivido pela criança ocorra de forma segura, pois separar-se do conhecido para vivenciar novas experiências e relações é muitas vezes desarrumar o que estava seguro para viver o novo e formar novos vínculos, o que invariavelmente não é nada fácil.

Os desafios que se apresentam neste momento de construção de uma relação dialógica entre os professores e familiares, é justamente estabelecer uma relação respeitosa e ética com relação aos ajustes necessários para se chegar a um objetivo em comum: a ampliação dos vínculos sociais das crianças com o ingresso na creche.

Por isso a importância do olhar, atenta a troca de informações entre os profissionais, a socialização com as famílias das manifestações e formas de expressão das crianças, que irão aos poucos tecendo um repertório de conhecimentos de cada criança, e poderão apaziguar gradualmente este período inicial de desconforto, tendo o cuidado como ética na construção de relação entre pares, tanto das crianças entre si, como das crianças com os adultos.

Acreditamos que a permanência da família com a criança na creche, principalmente para o grupo de crianças novas que estão inserindo-se pela primeira vez em espaços de convívio coletivo e/ou se tratando de crianças muito pequenas é de extrema relevância, pois nestes momentos as trocas elucidam sobre os hábitos e particularidades individuais que favorecem as interações entre adultos e crianças. A relação dialógica e a comunicação constante, tanto com conversas individuais, quanto junto a pequenos grupos de familiares são fundamentais para o compartilhamento de experiências.

Este tempo de permanência das famílias deve ser avaliado sistematicamente para que o objetivo principal seja garantido, ou seja, que as crianças possam gradualmente experimentar construir mais relações ao mesmo tempo e explorar e interagir nos espaços de forma autônoma. Assim, a gradação de tempos de separação de cada criança de suas famílias será distinta das demais, considerando a avaliação diária de suas relações no contexto de convívio na creche.

Neste período de inserção, tantas vivências novas viabilizam a expansão dos laços afetivos em que cada criança experimenta os próprios apegos, limites e possibilidades em situações diferenciadas, em que se está junto ou separado, e perceber estas particularidades,

respeitando os jeitos que cada um está construindo para se expressar, exigem de nós adultos, dedicação e confiança mútua.

Neste sentido, explicitamos às famílias a necessidade da gradação dos tempos para cada criança, avaliando este processo de inserção juntamente com as famílias, diariamente, com o replanejamento de ações sempre que necessário. Além disso, nossa proposição inicial de conhecer as crianças, suas vivências sociais na creche e fora dela, torna relevante a participação das famílias.

Na reunião ainda conversamos á respeito da ampliação dos laços afetivos das crianças com a vinda para a creche, tanto daquelas crianças que já conviviam aqui na creche, como as crianças novas. Para tal, torna-se imprescindível a observação atenta dos sentimentos e comportamento das crianças frente às situações novas, o compartilhamento das angústias tanto dos adultos como das crianças, para a construção de uma relação de confiança mútua, a fim de que possamos minimizar ao máximo a sensação de estranhamento que o novo possa proporcionar todos.

Cada família recebeu um envelope com alguns documentos (A, B, C- anexos) importantes para o grupo de professores. Entre eles, uma ficha de identificação onde os pais indicarão os principais contatos dos familiares, e quem estará autorizado a buscar as crianças na creche. Constará também de uma pesquisa com o título “Eu Sou...” que objetiva que as famílias relatem aspectos importantes da vida de seus filhos, particularidades e formas de se expressar e comunicar, gostos/estranhamentos, preferências alimentares, entre outros.

Em nossa primeira reunião com as famílias, foram feitos os seguintes combinados:

- Acolhimento das crianças em grupos alternados, vindo metade das crianças no período matutino e a outra metade no período vespertino, durante os dois primeiros dias com avaliação diária da inserção das crianças na creche pelos adultos envolvidos (pais e professores). Aos pais que não puderem comparecer, sugerimos que elejam algum familiar para acompanhar a criança neste período de inserção.

- Cada família é convidada a trazer brinquedos e objetos preferidos da criança para acompanhá-la nestes dias iniciais, ou sempre que isto parecer confortável para a criança.

- Solicitar que os pais tragam álbum de fotografias da família para socializar na creche.

- planejamento de brincadeiras/organização do espaço.

- pesquisa com as famílias a respeito de cada criança e pesquisa a respeito do brinquedo ou objeto preferido da mesma e devem ser relatados por escrito.

- organização de um caderno intitulado “vivências familiares”, com relato das vivências em família nos finais de semana.

Os encaminhamentos e os combinados realizados na reunião com as famílias são reforçados diariamente, além de serem sintetizados em forma de ata resumida na qual se torna um documento colado na agenda. Na reunião estiveram presentes representantes de 13 crianças, ficando ausentes somente 02 famílias que foram orientadas posteriormente quanto aos combinados realizados. Os desafios colocados quanto aos combinados, e estendidos a toda e qualquer proposta pedagógica pretendida ao longo do ano letivo, dizem respeito ao envolvimento, pois só dará certo se efetivamente todos se envolverem nos combinados. Isto aconteceu com a solicitação de envio do álbum de fotografias das famílias; do envio do brinquedo/objeto preferido para tirarmos fotografia; a realização por escrito da pesquisa “Eu sou...” e “Meu Objeto/brinquedo preferido...”; da participação na narrativa do caderno “Vivências Familiares”, que necessitou da parte dos professores incontáveis argumentos elucidativos no sentido de evidenciar a importância para as crianças de se sentirem gradualmente parte deste lugar com a presença de elementos familiares na rotina da creche.

3.3 OS PRIMEIROS DIAS DE JORNADA NA CRECHE E AS ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO

3.3.1 Vivenciando a organização do espaço coletivamente

A importância de um ambiente planejado e diversificado, com inúmeras possibilidades de brincadeiras, torna-se instigante para as crianças, que ficam motivadas e aos poucos encorajadas a interagir. A organização dos espaços tem que representar os anseios e expectativas dos grupos que fazem parte dele, sendo lugares humanizadores, promotores do encontro entre as pessoas.

No que diz respeito a crianças tão pequenas como o GIII-1, com idades que oscilam entre 2 e 3 anos, objetiva possibilitar que as crianças encontrem nos espaços planejados a acolhida a suas inúmeras formas de se expressar, tornando-se fundamental evidenciar a ludicidade e a brincadeira como elementos chaves na descoberta do mundo pelas crianças. Sendo assim, as propostas têm como eixo principal a brincadeira e as interações num espaço de convívio coletivo. Segundo Malaguzzi (1999, p.86)

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e devido a seu potencial para iniciar qualquer espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espalhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.

Incentivamos para que os familiares brincassem com seus filhos, explorando brinquedos e espaços da sala. Algumas crianças aparentavam sono, pela mudança da rotina, mas alguns já estavam bem envolvidos com os brinquedos. Fizemos o convite para que as famílias interagissem com as crianças pela sala, apresentando conosco o novo espaço que a partir de agora faria parte da rotina do nosso grupo. Percebemos então que as crianças ficaram mais motivadas com a possibilidade de brincar e interagir e não ficaram tão amuadas no colo de seus pais como inicialmente estavam.

Foi o caso do Eduardo e da Camila, que já estão bem familiarizados com a creche e estavam explorando tudo com bastante autonomia. Eduardo brincou com os carrinhos na pista e o Pierry ficou observando a brincadeira do amigo com interesse. Como estava ao lado, o convidamos para brincar também, oferecendo o pote de carrinhos para que escolhesse algum e ele logo se enturmou. O Eduardo se expressa oralmente, bem como a Camila, e interagem ativamente expressando desejos e opiniões com propriedade.

As crianças estão curiosas com os brinquedos da sala e exploram tudo aleatoriamente, mas aos poucos vamos percebendo as preferências e os jeitinhos de cada um. (Registro dia 12/02/2014).



Fotografia 10: Crianças e suas famílias na creche.



Fotografia 11: Explorando as fantasias.

O Pedro adora a fantasia de palhaço e logo chamou a atenção da maioria do grupo para o cantinho das fantasias.



Fotografia 12: Estabelecendo primeiras parcerias.

Fotografia 13: Interação entre pares.

Gabriel e Victória, mesmo ainda chorando um pouco, ficaram animados a participar da brincadeira.

Cury (1999, p. 27), ao final da década de 90 traz reflexões importantes a respeito deste período, que até então era conhecido como adaptação,

Uma criança no período de adaptação, por exemplo, tem suas energias voltadas para a elaboração da separação, dividindo-se entre o deslumbramento perante o novo e o medo provocado por ele. Apenas quando supera as dificuldades, apropriando-se da dinâmica e rotina escolar, conhecendo o espaço e confiando nos adultos que passam a ser os pontos de apoio e referência, é que se permite envolver nas diversas situações que desencadeiam a curiosidade, a exploração e o manuseio dos materiais, no processo de construção do conhecimento.

No entanto, estudos e políticas na área de educação infantil redimensionaram conceitos e ações docentes nos contextos educativos, no sentido de compreender a criança como protagonista das e nas relações com seus pares e adultos, não apenas se apropriando dos contextos sociais, mas interagindo de forma intencional e ativa.

A estruturação do espaço físico mostra-se como uma estratégia de trabalho fundamental, fomentadora de diferentes possibilidades de brincadeiras e interações, reafirmando a importância do planejamento e do registro na organização do espaço físico onde as crianças passam boa parte de suas vidas.

Segundo STRENZEL (2004, p. 103-104)

Pensar sobre o espaço ainda significa ter a clareza de que é dentro do espaço organizado que se darão todas as relações, sejam elas entre as crianças da mesma idade e de idades diferentes, sejam entre adultos profissionais e entre profissionais versus família. É dentro do espaço organizado que vamos poder estar permitindo as experiências com as diversas linguagens e as brincadeiras como organizadoras do trabalho.

3.3.2 – Na roda com as famílias

Outra estratégia de inserção planejada, nos 3 primeiros dias, é a roda com as famílias para conversas, cantorias etc. Após as 2 horas de permanência das crianças na creche, tanto no período matutino como no período vespertino, em que é possível a todos se conhecerem um pouco mais e explicitar sentimentos, angústias e questionamentos próprios deste período.



Fotografia 14: Roda com as famílias para conversa informal/cantar músicas.



Fotografia 15: Luna se sente à vontade e pede para cantarmos “A canoa virou”.

Ao final de cada período, propusemos aos familiares fazermos uma roda para cantarmos músicas, conversarmos informalmente sobre as particularidades das crianças, entre outras coisas. Num ambiente mais descontraído, com a presença das crianças, a comunicação flui gradualmente de forma descontraída, o eixo da relação ainda era a ludicidade e a brincadeira, por isso a roda cantada possibilitou compartilhar músicas. Depois de cantarmos algumas a Cris, mãe do Pedro, propôs uma brincadeira cantada e a Luna também lembrou da música da aranha. Todos estavam atentos a fala do outro. (Registro dia 12/02/2014)

Esta estratégia de conversa na roda foi muito significativa e positiva. Nela foi possível ampliar o conhecimento com relação ao outro, tornando aos poucos o que é estranho conhecido, pois a interação gradualmente vai acontecendo. Nestes momentos em que os pais vão se sentindo à vontade para falarem das suas ansiedades e expectativas, vamos percebendo a importância de uma conversa mais atenta com alguns que manifestam maior ansiedade, ou o combinado de estratégias diferenciadas para aquelas crianças que choraram muito neste primeiro dia. Vamos aos poucos tecendo uma relação com as famílias baseada no diálogo, no compromisso, no envolvimento de todos nesta relação, para que as crianças se sintam protegidas e seguras nas novas relações e experiências sociais vivenciadas na creche.

Neste momento em que os pais estão juntos na creche, há um envolvimento dos adultos entre si, que conversam, contam um pouco das suas histórias, socializam uns com os outros suas ansiedades, alguns procuram também interagir com as crianças que choram, convidando-os para brincar, outros ainda, precisam ser estimulados a interagir, ou seja, neste momento é possível obter uma série de informações importantes nestes dias de primeiras aproximações. Por isso, pela importância das primeiras relações estabelecidas pode-se pensar

que este tempo deva ser redimensionado e ampliado, pois as famílias em sua grande maioria permanecem poucos dias na creche.

3.3.3 Pela creche com as famílias



Fotografia 16: Ida para o parque.



Fotografia 17: Famílias e crianças no parque.

Também planejamos que as famílias conhecessem outros espaços da creche, como o parque, a horta, o gramado, o espaço conhecido como casinha, o refeitório. O objetivo foi que as crianças e famílias fossem se apropriando do espaço da creche como um todo, não ficando apenas na sala, pois as interações não estão circunscritas somente neste espaço, perpassa os espaços externos que têm muita importância, tendo em vista as inúmeras possibilidades de expressão das diferentes linguagens: corporais, gestuais, e o contato com a natureza.

A possibilidade de deslocamento a outros espaços da creche, que não os espaços específicos de sala, objetiva qualificar e promover interações com o meio social da creche, oportunizando o contato com demais funcionários e crianças das outras turmas, rever amigos e parentes, quando for o caso.

Desta forma, as crianças vão construindo, ampliando e fortalecendo relações entre as diferentes crianças e grupos etários da creche, tornando-se parte do todo da unidade educativa.

3.3.4 Socialização das fotos da família

Com o objetivo de conhecer um pouco mais as crianças e as famílias, solicitamos que nos enviassem fotos de diferentes momentos da vida das crianças, para que cada um pudesse conhecer mais um ao outro.

Conforme combinamos com as famílias, as fotos são enviadas, algumas em forma de álbum, outras avulsas. Assim que as fotos dos familiares vão chegando nas agendas e mochilas, decidimos fazer murais que foram expostos pela sala.



Fotografia 18: Álbum de fotografias Milena e Júlia.

Júlia e Milena trouxeram seus albuns, com fotos dos avós, tios, primos, do nascimento, e de tantos outros momentos importantes da suas vidas. Foi muito instigante para todos conhecer particularidades da vida dos amigos. Em diferentes momentos do dia, observam, conversam e relembram vivências cotidianas de suas famílias e socializam com os novos amigos e professores.



Fotografia 19: Álbum de fotos da Camila.



Fotografia 20: Apreciação das fotos pelas crianças.

Camila trouxe seu álbum e compartilhou com as amigas suas vivências nas fotos. A foto preferida foi da piscina, onde a Camila esta com os primos numa contagiante brincadeira. Em diferentes momentos as crianças pegam o álbum e chamam a Camila para mostrar a foto da piscina.



Fotografia 21: Eduardo mostrando seu álbum de fotografias para Camila.

As demais fotos foram expostas em murais, e sempre que as crianças sentiam vontade podiam ver seus familiares bem de pertinho, por toda nossa sala. Foi o caso do Gabriel, no episódio registrado abaixo:

Gabriel e Eduardo brincam de carrinho. Gabriel em alguns momentos dança prestando atenção à música que esta tocando. Eduardo o observa, mas não para de brincar com os carros. Quando esta dançando, percebe seu mural de fotos da família e para de dançar e se aproxima das fotos. Aponta para cada uma delas parecendo dizer o nome dos familiares. Ele ainda está aprendendo a se comunicar oralmente, por isso nem sempre compreendemos o que diz. Mas fala “vovô”, e outros sons que não distinguimos. Volta a brincar com o Eduardo que havia colocado os carros dentro da pia que temos em sala. Pega o pote dos carros e coloca na cabeça. Reinicia a brincadeira com o Eduardo. (Registro do dia 08/04/2014).

No registro acima, Gabriel olha para a foto e volta a brincar, o que demonstra a importância destes elementos familiares para as crianças, pois ele por diversas vezes procura pelas imagens e conversa com elas a seu modo.

3.3.4.1 – Socializando nossas fotos

O envolvimento do grupo com as fotos de suas famílias foi muito marcante em diferentes momentos do nosso cotidiano, por isso resolvemos também expor para o grupo as fotos de nossas próprias vivências na creche, nestes primeiros dias de inserção, principalmente àquelas fotos onde suas mães e pais estavam presentes.

Além disso, como as crianças percebem que estamos em diferentes momentos com a máquina fotográfica registrando nossas vivências, planejamos expô-las com o recurso de um porta-retratos digital e socializa-las no grupo, conforme o registro que segue.

Chego na sala e coloco um porta retrato digital com fotos dos primeiros dias de inserção das crianças no espaço da creche, com fotos também dos familiares presentes nestes primeiros dias. O porta retrato é colocado num local baixo, encima de uma mesa de fácil acesso para as crianças. Logo Nicolas chama atenção das outras crianças para as fotos. Aos poucos o grupo esta em torno da mesa e começam a conversar sobre as fotos. Algumas vezes discutem, pois querem ficar próximo ao porta-retratos, ou pegando-o na mão. Intervenho dizendo que há espaço para todos poderem olhar, e aos poucos as ansiedades vão serenando. Isto ocorre no primeiro dia, pois nos dias posteriores as crianças passam a ver o porta-retratos em grupos menores, pois se familiarizam com o mesmo e já não manifestam tanta ansiedade e posse com relação as imagens e as conversas entre pares são mais íntimas, com relato de outras particularidades sobre os familiares presentes nas fotos e mesmo o relato de fatos de outros familiares que são bem importantes para eles. (Registro dia 04/04/2014).



Fotografia 22



Fotografia 23

3.3.5 O brinquedo preferido

Solicitamos as famílias que enviem objetos pessoais significativos para as crianças por compreendermos que os mesmos trazem conforto e segurança para elas, além de possibilitar que conheçamos as particularidades de cada uma, percebendo o que as acalma, o que lhes despertam interesse, suas preferências expressivas, entre outras coisas.

Para explicitar a importância para as crianças em trazer algum objeto de sua preferência, elegi o “Bastião”, o boneco da Júlia, uma das irmãs gêmeas, e que a acompanhou inúmeras vezes na creche.



Fotografias 24/25: Bastião em diferentes momentos da brincadeira.



Fotografia 26: Brincadeiras com sucatas enviadas pelas famílias. Bastião também participa.

Uma brincadeira intensa com um grupo de crianças (Milena, Nicolas, Victória, Luna, Júlia e Isabelly) esta acontecendo num dos cantos da sala onde ficam a mesinha e as cadeiras feitas de material reciclado. Os materiais são leves e as crianças se habituam a manipulá-los, levando-os para onde sua brincadeira se desenrola. Colocam sofás e mesinhas num cantinho e brincam com as sucatas de embalagens enviadas pelas famílias, como embalagens de iogurtes, shampoos, nescau, entre outros. Estas embalagens remetem aos seus hábitos alimentares em casa e as crianças ficam visivelmente motivadas a brincar de casinha assim que as embalagens são trazidas de casa. Júlia costuma trazer seu amigo Bastião, um boneco que possui um valor afetivo muito especial para ela. Neste dia também o Bastião participou da brincadeira. Júlia dá falta do Bastião que havia colocado no carrinho ao seu lado, e fala de forma chorosa:

- Onde tá o meu Bastião? Repete duas vezes e decido entrar na brincadeira e ajuda-la a encontrar o Bastião.

No entanto, o grupo continua sua brincadeira, olham para a Júlia, mas parece não se importar muito. Luna me oferece iogurte. Sarah se interessa pela brincadeira e vem para o meu colo. Isabelly e Milena mexem nas panelas e colocam algo dentro de uma mesma garrafa de plástico conversando o tempo todo. Todos estão concentrados em seus afazeres, mas a Júlia esta inconsolável. Milena, sua irmã gêmea, para alguns instantes de brincar com a Isabelly, levanta e fica observando-a com ar preocupado. Ela começa e chorar em forma de lamento e fala sem parar.

Júlia, olha, percebe que Nicola havia pegado seu Bastião e fala:

- Ele pegou meu filho.

Pergunto: - Qual filho? (Pois há muitas bonecas na brincadeira) - O Bastião, ela responde, e complementa: - E eu não fiquei mais feliz, tô triste! Ela fala isto olhando para a Mana Milena que parece muito preocupada com a Júlia.

- Por quê? Teu coração tá triste? Indago.

- Porque eu não sei onde tá o meu Bastião, Júlia responde.

Mesmo vendo que esta com o Nicolas, Júlia continua manifestando muita tristeza por não “achar” seu amigo favorito. Nicolas escuta de longe toda a conversa e parece hesitar se devolve ou não o Bastião, mas devido ao “lamento” da Júlia, parece se comover, e vem firme em direção a Júlia com o Bastião no colo, e devolve para ela. Júlia pega o Bastião rapidamente, o abraça forte e pergunto: O que a gente fala pro Nicolas? É o próprio Nicolas que responde: - Obrigado! Ela também responde baixinho, mais preocupada em acariciar seu Bastião.

Olho para ela e digo: - Que bom que o Bastião voltou, ele tava dormindo um soninho no colo do Nicolas, agora ele acordou e quer brincar com a gente. Isabelly pede para que eu abra uma garrafa que ela não consegue abrir e a brincadeira segue. (Registro dia 28/03/2014).

Tristão (2004) nos traz subsídios importantes na compreensão e reflexão a respeito deste episódio, pois aponta que “educar crianças tão pequenas em ambientes coletivos é uma profissão caracterizada pela sutileza”, pois no emaranhado de relações há de se ter sensibilidade para os atos cotidianos, aparentemente pouco significativos, estar atenta para as diferentes e múltiplas manifestações expressivas das crianças.

Neste sentido, torna-se importante elucidar aspectos importantes da relação entre pares, envolvendo a relação entre as irmãs (Júlia e Milena); a relação da Júlia com seu brinquedo favorito (Bastião); e a ampliação dos laços afetivos da Júlia com os novos amigos da creche.

A opção em utilizar brinquedos prediletos das crianças trazidos para o contexto da creche incita a curiosidade na relação com o outro na medida em que as crianças ficam curiosas umas com as outras.

Também torna possível perceber que nem todos são apegados aos seus objetos pessoais, sendo mais desprendidos do que outros, e estas diferenças são ricas no convívio social. Por isso, percebemos que a Milena, mesmo sendo bem apegada a sua irmã Júlia, trouxe seu brinquedo preferido apenas por alguns dias, já a Júlia atualmente ainda traz seu amigo Bastião, mas não com tanta frequência.

No episódio relatado no registro acima e nas relações cotidianas com a presença do Bastião, a Júlia demonstrou o exercício de convívio com muitas emoções por vezes conflitantes, pois em alguns momentos em que se envolvia na brincadeira com os novos amigos e se “desligava” momentaneamente do Bastião, quando se dava conta que ele não estava por perto manifestava angústia, e por vezes procurava envolver sua irmã no conforto a sua momentânea insegurança.

A percepção da importância do brinquedo preferido para alguns e o alargamento das relações entre as crianças a partir da acolhida as suas manifestações emotivas de forma tranquila foram as atitudes responsivas dos profissionais com relação à possibilidade das crianças vivenciarem outras relações diferentes do convívio doméstico vivenciado até o momento de inserção no espaço coletivo da creche.

Além disso, procurou-se confortar as emoções intensas vividas pela Júlia no apego com seu amigo Bastião, fazendo-a perceber que o Nicolas estava cuidando dele, fazendo-o dormir, *mas que bom que ele acordou e queria brincar um pouco mais com a gente.*

3.3.6 A foto símbolo

A partir do envio do brinquedo ou do objeto preferido foram feitas fotos que se transformaram nos símbolos das crianças que as acompanham nas diferentes vivências e organizações do nosso grupo. A foto do símbolo é complementada pelo relato por escrito das famílias sobre a importância deste objeto/brinquedo para as crianças. Os símbolos são utilizados em diferentes situações tais como:

Roda: Objetiva sensibilizar as crianças para as motivações das ausências, indicando para as crianças as razões por elas não estarem na creche: se estão viajando, doentes ou se

estão simplesmente em casa. Os símbolos das crianças ausentes são colocados em uma casinha, as demais são colocadas junto a fotografia do mural.



Fotografia 27: Socialização das fotos com os símbolos das crianças.



Fotografia 28: Gabriel apresentando seu símbolo para os amigos. Fotografia 29: Identificação das mochilas.

3.3.7 Caderno de Vivências Familiares:

Neste caderno as famílias registram como foi o final de semana do seu filho, contando particularidades importantes sobre a criança. Será um único caderno a circular entre as famílias, pois a cada semana uma criança leva o mesmo para casa para fazer seu registro. A possibilidade das crianças levarem o caderno para a casa, objetiva que as famílias também conheçam entre si um pouco das vivências e histórias de vida das crianças amigas (os) de seus

filhos (as), tendo em vista socializar as experiências e instigar para que as próprias crianças sejam os interlocutores das histórias para seus familiares, pois as mesmas são lidas na roda semanalmente.

O sorteio do caderno ocorrerá com os símbolos das crianças referente a pesquisa realizada sobre o objeto/brinquedo favorito. A criança sorteada levará o caderno de vivências familiares para casa, e as famílias irão registrar em forma de desenho, fotografia, colagem ou escrita, como foi o final de semana de seu filho. Este relato será lido em nossa roda de história na segunda-feira e assim, ampliamos nossas estratégias de conhecimento das vivências sociais das crianças fora da creche, conhecendo suas formas de lazer, hábitos cotidianos, familiares importantes para as crianças, entre outros conhecimentos fundamentais num processo de inserção que leva em conta as particularidades e as vivências individuais, em contextos heterogêneos como a creche.



Fotografia 27: Sorteio do caderno de vivências familiares com o uso dos símbolos.

3.4 A DIMENSÃO AFETIVA E O CUIDADO COM AS DEMANDAS INDIVIDUAIS NUM GRUPO DIVERSO E HETEROGÊNEO

Para algumas crianças e seus familiares o ingresso na creche é difícil, apresentando-se como desafio o enfrentamento da separação, interagir com pessoas desconhecidas, administrar os horários iniciais de jornada reduzida, a vinda de transporte escolar, etc. Situações que solicitam reuniões individualizadas com as famílias que as vivem, para que sejam redefinidas algumas estratégias. Pensamos que os três dias iniciais de inserção não devam ser rígidos,

nem fixos, dependendo de cada criança, algumas podem precisar de maior tempo e apoio de nós adultos para que este período seja o mais tranquilo possível.

As estratégias e opções de encaminhamento pedagógico estabelecido por nós professores junto às crianças e famílias e explicitadas até então se apresentam como uma forma de refletir sobre uma perspectiva de trabalho pedagógico que procura considerar também as demandas individuais, as particularidades e singularidades das crianças no convívio com seus pares e adultos.

Tristão (2004, p.05), em sua dissertação de mestrado apresenta importantes reflexões no que diz respeito à docência com as crianças de 0 a 3 anos,

A prática docente com crianças pequenas caracteriza-se pela sutileza das ações cotidianas, que muitas vezes não são percebidas dentro da rotina diária, mas que são determinantes na caracterização dessa profissão devido ao seu cunho humanizante. O cuidado com o outro também foi uma marca da ação docente com bebês, levando a percepção de crianças e professoras como pessoas inteiras e provocando uma discussão sobre o binômio cuidar e educar e suas implicações para a educação dos pequeninhos.

As sutilezas das ações cotidianas a que a autora faz menção são compostas por uma realidade dinâmica e complexa, pois compreende as ações de diferentes sujeitos: crianças, professores e familiares, que necessitaram de alguns recortes para serem analisados.

Compreendo que as estratégias pensadas e planejadas no período de inserção procuraram se coadunar de forma flexível e articulada com os desejos e manifestações infantis, com o olhar centrado nas pistas que as crianças iam indicando do decorrer das vivências, pois a ação docente permeia todos os sentidos da relação, a partir do planejamento do que é pensado para receber as crianças e suas famílias e as vivências protagonizadas por todos na relação uns com os outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo apresento algumas reflexões e aprendizagens, na busca de contribuir e dar visibilidade a algumas ações e relações pedagógicas nos contextos educativos no período de inserção. O faço com o sentimento de que este estudo é mais um olhar, ele não esgota a temática, prescinde de outros olhares e novas investigações, para que novos diálogos e estudos na área ocorram a respeito do período de inserção e suas singularidades, tendo em vista a necessidade de se continuar a empreender estudos que se debruçam sobre a sua complexidade.

O objetivo central da pesquisa consistiu em compreender quais as dimensões educativas e as estratégias pedagógicas subsidiam a ação docente com as crianças no período denominado inserção, considerando os aspectos individuais e afetivos em grupos heterogêneos.

Nas instituições de educação coletiva a todo o momento o período de inserção pode ser instaurado, sempre que um grupo de crianças, ou apenas uma nova criança ingresse a qualquer tempo na creche, colocando a tarefa de que as ações e estratégias da ação docente para este período sejam planejadas e/ou reformuladas.

O ingresso na creche tem importantes mudanças na vida das crianças e suas famílias pela ampliação das relações sociais até então vinculadas basicamente ao âmbito doméstico-familiar. É ainda neste momento, que as famílias estão mais presentes na instituição, por isso a importância de formar vínculos duradouros e consistentes para o desenrolar de todo o processo pedagógico que apenas está se instaurando. As lidas com este período tão inquietante na vida de todos os sujeitos da relação pedagógica – o período de ingresso das crianças na creche – sempre me inquietou, de forma positiva, e me impulsionou como professora, a buscar novos caminhos para viver de forma mais tranquila e respeitosa este período. Compreendo e concordo com os estudos da área da educação infantil que consideram a docência, principalmente no trabalho educativo com as crianças de 0 a 3 anos, sob a dimensão das relações, uma docência partilhada, na relação e no encontro com as famílias, por isso a importância de dar visibilidade às estratégias e o que vem subsidiando o trabalho docente para a acolhida das crianças e suas famílias.

No entanto, as estratégias e opções de encaminhamento pedagógicas estabelecidas pelos professores junto às crianças e famílias e explicitadas neste estudo, não objetivam, de forma alguma, se apresentarem como modelo de como trabalhar a inserção nos contextos

coletivos da creche, objetiva antes oferecer um olhar cuidadoso, daquele que faz um esforço para tecer um olhar por dentro da relação pedagógica, assumindo os riscos de sobrepor as funções de pesquisadora e professora nesta empreitada.

Como procedimento metodológico para compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos (crianças/famílias/professores), o recurso utilizado para análise foi o registro escrito e fotográfico, que colocou o desafio da vivência simultânea dos papéis de pesquisadora/professora, dificultou uma observação mais densa e descritiva dos acontecimentos, os quais penso, possibilitariam uma análise mais focada nas relações, que muitas vezes não foi possível.

Algumas estratégias focadas na dimensão do cuidado às particularidades e individualidades das crianças foram planejadas com o objetivo de conhecer os diferentes jeitos de ser e se expressar das crianças, considerando a heterogeneidade dos grupos. Assim, para o planejamento de estratégias pensadas no que diz respeito ao *tempo de permanência na creche no período de inserção*, o ingresso das crianças foi acontecendo em pequenos grupos, nos três primeiros dias, com o olhar focado nas individualidades na percepção do encaminhamento do tempo necessário para cada um nos demais dias. Esta gradação dos tempos mostrou-se uma estratégia importante para dar acolhida aos diferentes sujeitos da relação (crianças e suas famílias) e para desenvolver uma relação de escuta e percepção aos gostos, manifestações de desconforto, preferências, formas de se expressar, de interagir e brincar com outras crianças, dando acolhida para acalmá-los quando choram, dando colo, chupeta, percebendo com as famílias aqueles que mamam no peito, entre outras particularidades.

O planejamento de estratégias da ação docente com o foco na organização do espaço (móveis, objetos, brinquedos e materiais) possibilitou vivências diversificadas entre as crianças, tanto para os momentos em que se está junto ou separado, com espaços que permitiam descobertas das crianças sozinhas e acompanhadas, partilhando diferentes relações, além de favorecer aos adultos a oportunidade de observar as diferentes expressões e manifestações infantis. Essa organização espacial mostrou-se rica em possibilidades, pois gradualmente as crianças passavam a interferir no espaço, modificando a disposição de alguns móveis e objetos, e ficando gradualmente à vontade para manifestar e solicitar auxílio dos adultos para suas próprias organizações, fazendo daquele lugar um espaço socialmente construído.

As crianças estão a todo o momento se apropriando do mundo. O fazem de um jeito todo próprio, de forma curiosa, intensa, lúdica, criativa. Mas, não são afetadas pela cultura e

pelo meio sociais de forma passiva, ao contrário, são partícipes da história, tem participação ativa nas relações sociais diversas. No momento de inserção não é diferente. Suas manifestações devem ser consideradas, suas individualidades respeitadas, na relação que estabelece com seus pares e adultos que com ele convivem.

No planejamento das estratégias como o envio das fotos da família, o envio de um objeto/brinquedo preferido foi possível conhecer um pouco mais das suas relações fora da creche, pelas manifestações afetivas com relação aos seus familiares presentes nas fotos; o relato das vivências das crianças que já falam; e seu apego e/ou desapego com seus objetos pessoais; as diferentes formas de socialização com o brinquedo favorito servindo de passaporte para negociação, mas também de resistência para alguns; o envio de objetos pessoais como travesseiros, chupetas; o relato das famílias no caderno de vivências familiares, com informações importantes sobre as formas de lazer e vivências nos finais-de-semana, relatos estes que eram lidos semanalmente na roda, e as crianças complementavam a seu modo às informações ali contidas.

As considerações tecidas até aqui a respeito das estratégias que subsidiaram a ação docente no período de inserção evidenciaram alguns aspectos vivenciados ao longo deste estudo, que teve em seus transcorrer algumas dificuldades, que limitaram uma análise mais aprofundada. Entre estas, ressalto a dificuldade em fazer o distanciamento necessário para coleta de dados, por estar diretamente na ação com as crianças e famílias. A constatação das dificuldades deste estudo trazem indicativos da necessidade de prosseguir nos estudos a respeito da temática.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O Espaço da Creche: que lugar é este?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução n.5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. 262p.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss – ULBRA. **Educação de crianças, docência e processos de subjetivação.** 32 Anped de Caxambu de 04 a 07 de Outubro de 2009.

CERISARA, Ana Beatriz. **Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (orgs.). **Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.** Portugal: Asa editores, 2004. p. 35-53.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. **As relações sociais dos bebês na creche: um estudo numa perspectiva sociológica** – UFPR Agência Financiadora: Programa Alþan, Programa de bolsas de alto nível da União Europeia para América Latina. – UFF. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

CURY, Stela Regina Brandão. **Adaptação: Olhando a criança ao olhar seus pais.** In: FREIRE, Madalena. DAVINI, Juliana (Orgs.). **Adaptação – pais, educadores e crianças enfrentando mudanças.** Série: Cadernos de Reflexão. 1999.

DUARTE, Fabiana. **Professora de bebes: As dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação. Florianópolis, 2011.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **“Branco demais” ou... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças.** In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – Coleção Ciências Sociais da Educação.

FLORIANÓPOLIS. Diretoria de Educação Infantil. **Inserção: mais que chegar, acolher!** Orientações para o período de inserção das crianças na educação infantil. http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/16_02_2011_11.00.45.5287056f9ac48e8178c3c9f5b54d5692.pdf. Acesso em 15/03/2014.

FLORIANÓPOLIS. Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil / Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis. 2010.

FORTUNATI, Aldo. A educação infantil como projeto da comunidade: Crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato. Porto Alegre. ArtMed, 2009.

FRAGO, Antonio Viñao & ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREIRE, Madalena. DAVINI, Juliana (Orgs.). **Adaptação – pais, educadores e crianças enfrentando mudanças.** Série: Cadernos de Reflexão. 1999.

GOBBI, Maria Aparecida. **Num click: meninos e meninas nas fotografias.** In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia D. (Org.) Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GUIMARÃES, Daniela. **Ações Pedagógicas com crianças de 0 a 3 anos em creches: o cuidado como ética.** In: FLORIANÓPOLIS. Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil / Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis. 2010.

KRAMER, Sônia (Org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil.** São Paulo. Ática, 2009.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999. p.59-104.

MANTOVANI, Suzanna; TERZI, Nice. A inserção. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Suzanna (orgs.). **Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva.** Porto Alegre: ArtMed, 1998. P. 173-184.

MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia D. (Org.) **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, Altino José – UFRGS, MARTINS FILHO, Lourival José – UDESC/Agência Financiadora: CNPq. **RELAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCURSOS, CONCEITOS E RELAÇÕES DE ADULTOS E CRIANÇAS.** 32 Anped de Caxambu de 04 a 07 de Outubro de 2009.

MICHAELIS. Moderno Dicionário de Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionário Michaelis). 2259 p. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=adaptação>. Acesso em: 16 Março de 2014.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras?** – UFS Agência Financiadora: CNPq. 35 ANPED – 21 a 24 de Outubro de 2012. Porto de Galinhas. PE.

_____ **possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças?** 34 Reunião Nacional da Anped – 02 a 05 de Outubro de 2011. Centro de Convenções de Natal. RN.

REIS, Lucilaine Maria da Silva. **Inserção e vivências cotidianas: como crianças pequenas experienciam sua entrada na educação infantil?** – UFF. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

RICHTER, Sandra Regina Simonis – UNISC. BARBOSA, Maria Carmen Silveira – UFRGS. **Direitos das crianças como estratégia para pensar a educação das crianças pequenas.** 34 Reunião Nacional da Anped – 02 a 05 de Outubro de 2011. Centro de Convenções de Natal. RN.

RINALDI, C. **Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental.** In.: GANDINI, L.; EDWARDS, C. *Bambini - A abordagem italiana à educação infantil.* Porto Alegre: ARTMED, 2002, p.75-80.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Diretrizes Educacionais – Pedagógicas para a Educação Infantil.** In: FLORIANÓPOLIS. *Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil / Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis. 2010.*

SARMENTO, Manuel & GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.) **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais.** Petrópolis. RJ. Vozes. 2008.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu não falo a língua deles!”: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STRENZEL, GiandréiaReuss. **A educação das crianças menores de 3 anos em creches: saberes construídos entre a pesquisa e a prática profissional.** In: *Formação em serviço: Partilhando saberes, vislumbrando novas perspectivas.* PMF. Secretaria Municipal de Educação – SME. Divisão de Educação Infantil. 2004.

TOGNETTI, Gloria. **Um projeto da comunidade direcionado para o futuro com firmes raízes na memória da própria história.** In: FORTUNATI, Aldo. **A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

TRISTÃO, Fernanda C.D. **Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VASCONCELLOS, Cecilia Spada Cancela. **O viver pedagógico... Prática Pedagógica.** In: FREIRE, Madalena. DAVINI, Juliana (Orgs.). *Adaptação – pais, educadores e crianças enfrentando mudanças.* Série: Cadernos de Reflexão. 1999.

ANEXO B – PESQUISA COM AS FAMÍLIAS**PESQUISA COM AS FAMÍLIAS**

Faça um relato ressaltando aspectos importantes da vida de seu filho (a), tais como: Pessoas da família, se possui irmãos, preferências da criança, como foi a gestação, como é sua alimentação, quais seus hábitos e horários de sono, do que gosta de brincar, se possui algum problema de saúde, se possui bichinhos de estimação, entre outros. Fique a vontade para relatar o que julgar importante.

EU SOU...

ANEXO C – PESQUISA DO BRINQUEDO PREFERIDO**PESQUISA COM AS FAMÍLIAS**

Descreva qual o significado do brinquedo ou objeto preferido do seu filho (a), de que forma e em quais momentos ele (a) brinca com o mesmo, se foi um presente, quem presenteou, etc. Fique a vontade para relatar o que achar mais relevante.

MEU BRINQUEDO/OBJETO FAVORITO É _____